

CURSO DE FORMAÇÃO CONTINUADA EM

EDUCAÇÃO PATRIMONIAL PARA EDUCADORAS E EDUCADORES DE ESCOLAS PÚBLICAS DE MATOZINHOS



OLÁ EDUCADORAS E EDUCADORES!

Sejam muito bem-vindos e bem-vindas ao curso de formação continuada em educação patrimonial. Ele é oferecido por meio do projeto “O Patrimônio Histórico vai à Escola”, realizado pela Associação das Bibliotecas Comunitárias da RMBH, SABIC, com recursos da Lei Estadual de Incentivo à Cultura de Minas Gerais e com patrocínio da Cimento Nacional. A formação conta também com apoio total da Secretaria Municipal de Educação de Matozinhos. A proposta aqui é promover um debate mais profundo a respeito da educação patrimonial no município e colocar em pauta, no currículo e no cotidiano em sala de aula, a Fazenda Bom Jardim e a Gruta do Ballet, importantes bens culturais, históricos e pré-históricos da cidade.

Esperamos que este material fortaleça o trabalho que vocês já têm desenvolvido na cidade para promover, valorizar e difundir os incontáveis patrimônios do município de Matozinhos.

Vamos nessa?



SUMÁRIO

— COMO O CURSO ESTÁ ORGANIZADO?

* **QUAL SERÁ O PERCURSO DESSA FORMAÇÃO?**

01 DE ONDE PARTIMOS — 06

**02 MATOZINHOS E SEUS
PATRIMÔNIOS** — 15

03 FAZENDA BOM JARDIM — 22

04 GRUTA DO BALLET — 31

**05 TRAJETÓRIA DA EDUCAÇÃO
PATRIMONIAL NO BRASIL** — 36

**06 ORIENTAÇÕES PARA
PLANOS DE AULA** — 46



COMO O CURSO ESTÁ ORGANIZADO?

MODALIDADE: Formação continuada

PERÍODO: março a maio de 2022

CARGA HORÁRIA: 16 horas-aula

CERTIFICAÇÃO: A Certificação será oferecida a professoras/es que tiverem a frequência mínima de 70% de participação nos encontros e atividades, sendo emitida pela parceria técnica com a Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG).

CONTEÚDO:

- Quatro aulas *on-line* síncronas e assíncronas realizadas pelo Google Meet.
- Este material impresso com guia do percurso formativo, conteúdos informativos complementares e propostas de planos de aula para aplicação em sala de aula junto a estudantes do ensino fundamental.
- Materiais complementares disponibilizados no Google Classroom.

QUAL SERÁ O PERCURSO DESSA FORMAÇÃO?

ETAPA 1: DE ONDE ESTAMOS PARTINDO?

A primeira etapa tem como objetivo compreender de onde estamos partindo: quais bagagens, experiências, expectativas e histórias cada um de nós traz para essa formação? Aqui no caderno trazemos informações complementares sobre por que e para que trabalhar com educação patrimonial em sala de aula e propomos a criação de memoriais com as narrativas autobiográficas de cada um e cada uma.

- **ENCONTRO SÍNCRONO 1:** Apresentação do curso e roda de conversa
- **DATA:** 23/03 às 18h
- **ATIVIDADE PROPOSTA:** Técnica de criação de memorial – narrativas autobiográficas

ETAPA 2: MATOZINHOS E SEUS PATRIMÔNIOS: TOMBAMENTOS E REGISTROS DE BENS, MEMÓRIAS E CULTURAS

Na segunda etapa investigaremos os diversos patrimônios de Matozinhos já inventariados, registrados ou tombados, e também aqueles que ainda não foram identificados. Conversaremos sobre as experiências museológicas e os trabalhos de preservação que vêm sendo realizados na cidade. Aqui no caderno trazemos informações detalhadas sobre o que já foi reconhecido oficialmente pelos órgãos municipais, estaduais e federais e deixamos também um glossário com os principais termos utilizados na área de patrimônio.

→ **ENCONTRO SÍNCRONO 2:** A diversidade de patrimônios culturais de Matozinhos: desafios e processos de registro, tombamento e salvaguarda.

→ **DATA:** 30/03 às 18h

→ **ATIVIDADE PROPOSTA:** Explorar os bens já inventariados, registrados ou tombados do município e refletir sobre outros saberes, práticas e vivências que ainda não estão ali.

ETAPA 3: FAZENDA BOM JARDIM NA ROTA DA FORMAÇÃO SÓCIO-HISTÓRICA DO MUNICÍPIO

Nesta etapa, nos voltaremos especificamente para a Fazenda Bom Jardim, discutindo-a considerando todo o contexto das diversas antigas fazendas da região e refletindo sobre seu papel na formação sócio-histórica do município. Discutiremos ainda as práticas de resistência dos diferentes povos e culturas que habitaram essas fazendas, com destaque para a cultura afro-brasileira no contexto de formação da cidade.

→ **ENCONTRO SÍNCRONO 3:** Fazenda Bom Jardim na rota da formação sócio-histórica do município

→ **DATA:** 13/04 às 18h

→ **ATIVIDADE PROPOSTA:** Visita ao Museu Oju Aiye - História e Ancestralidade

ETAPA 4: GRUTA DO BALLET E ARQUEOLOGIA NA SALA DE AULA: METODOLOGIAS E PRÁTICAS EDUCATIVAS

Nesta etapa nos dedicaremos às discussões a respeito da Gruta do Ballet. No encontro síncrono, realizaremos uma oficina para discutir práticas possíveis do tema da arqueologia em sala de aula. Neste material, trazemos algumas informações sobre a gruta, localizando-a enquanto parte da Área de Preservação Ambiental Caste de Lagoa Santa e discutindo um pouco sobre a importância de sua preservação.

→ **ENCONTRO SÍNCRONO 4:** Arqueologia na sala de aula: metodologias e práticas educativas

→ **DATA:** 04/05 às 18h

→ **ATIVIDADE PROPOSTA:** Visita virtual à Fazenda Bom Jardim e à Gruta do Ballet

ETAPA 5: MATERIAL COMPLEMENTAR

Nesta etapa deixamos aqui no material impresso algumas informações básicas a respeito da trajetória da educação patrimonial no Brasil, destacando as ampliações de perspectiva a respeito do que se entende pelo termo, bem como os desafios que ainda permanecem vigentes.

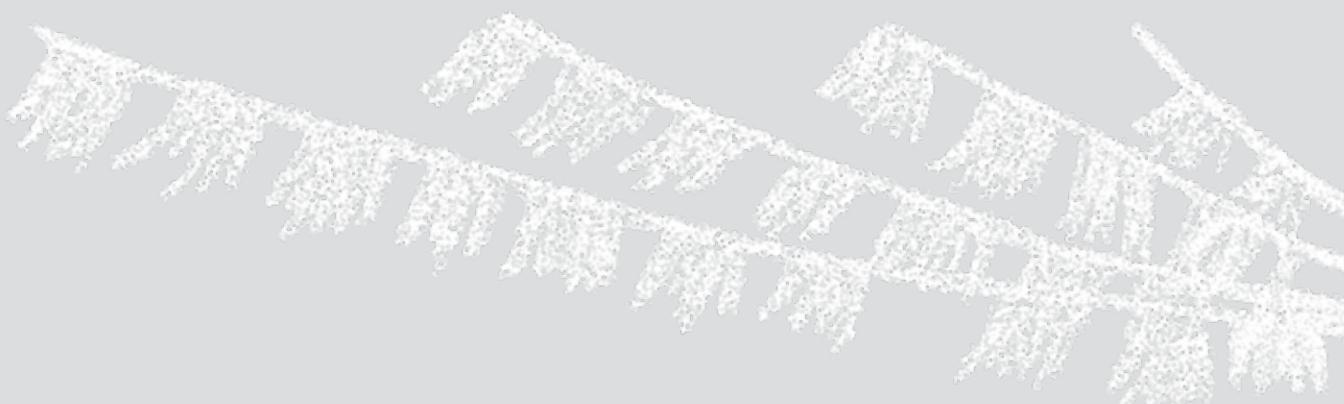
ETAPA 6: MÃO NA MASSA

Para auxiliá-los(as) a implementar essas discussões de maneira bem prática no dia a dia de sala de aula com seus e suas estudantes, deixamos aqui quatro orientações de planos de aula, sendo: uma de ciências humanas; uma de língua portuguesa; uma de ciências naturais; e uma de ciências exatas. Essas orientações foram pensadas considerando habilidades propostas pela BNCC para estudantes do 4º ao 7º anos do ensino fundamental. Esses planos são referências que podem ser adaptadas, reinventadas e utilizadas da maneira que acharem que faça mais sentido dentro da realidade de cada um e cada uma, ou mesmo refeitos para outros anos de ensino.

ETAPA 7: ENCERRAMENTO

Para fechar o curso teremos um café decolonial. Se possível, será realizado presencialmente e contará com uma roda de conversa avaliativa sobre todo o percurso.

→ **CAFÉ DECOLONIAL:** encerramento e avaliação
→ **DATA:** 18/05 às 18h



01 DE ONDE PARTIMOS

POR QUE E PARA QUE TRABALHAR COM EDUCAÇÃO PATRIMONIAL?

O registro, no caso do patrimônio imaterial, e o tombamento, no caso do patrimônio material, são instrumentos legais de reconhecimento e valorização de bens culturais, símbolos das sociedades. Mas eles são o topo do morro. Para chegar lá a conversa começa bem antes. É preciso entender como essas sociedades e comunidades surgem, se formam e se organizam nos lugares ao longo do tempo. Para chegar nessa conversa sobre patrimônio, é preciso começar falando sobre memória, identidade e território. Sobre essa compreensão que as pessoas têm, sem conseguir explicar direito, de que elas pertencem aos lugares e que aquele chão também é um pouco delas. Patrimônio é o que um povo quer contar sobre as vivências que fizeram dele o que ele é. São aquelas coisas das pessoas da nossa família e do nosso bairro que guardamos em nós. As músicas, as comidas, as festas, as paisagens, lendas, causos e aquelas palavras que só entende quem é de lá. Somos feitos de memórias, de lugares e de outras tantas pessoas. O que aprendemos no lugar onde vivemos, como isso nos transforma e o que escolhemos lembrar e contar sobre nós mesmos é o que fica para quem vier depois, é o nosso patrimônio. **Mas como, então, a educação entra nessa história?** Se patrimônio é formado pelo que já está em nós mesmos, em nossas memórias e territórios, **por que é relevante conversarmos sobre educação para o patrimônio?** Listamos aqui alguns dos muitos aspectos que demonstram essa importância!



1— Promover o direito dos estudantes de conhecerem a si mesmos e a sua própria história, promover o direito de pertencimento à cidade.

Por que falo, me visto, me alimento e penso de determinadas maneiras e não de outras? O que para mim é o “normal”, o jeito padrão de viver e por quê? Há outras formas de viver e conviver? De onde vem minha maneira de enxergar o mundo e de me relacionar em sociedade? O que tem do território onde vivo em mim? Essas são perguntas fundamentais que todo sujeito precisa fazer a si mesmo(a), mas que nem sempre encontra espaço de qualidade para essa reflexão. Discutir sobre patrimônio cultural na escola é abrir essa oportunidade de maneira prática, para que os estudantes reflitam sobre si mesmos. Para responder essas perguntas é imprescindível que o estudante conheça a sua história e a história de sua cidade e do seu bairro, por exemplo. **Pensar em patrimônio cultural em sala de aula, é convidar estudantes a investigarem a si mesmos e as suas histórias, oferecendo as ferramentas e os estímulos necessários para que eles façam de maneira autônoma essas perguntas e autodescobertas.**

A Educação Patrimonial pode ser uma importante ferramenta na afirmação de identidades e para que as pessoas se assumam como seres sociais e históricos, como seres pensantes, comunicantes, transformadores, criadores, realizadores de sonhos (FREIRE, 2011, p. 42, *apud* TOLENTINO, 2012, p. 29).

O trabalho com o patrimônio não pode ser uma simples acumulação de conhecimentos. Ele deve ajudar à estruturação do tempo e do espaço, a desenvolver a educação dos sentidos e, mais particularmente, a capacidade de ver, a despertar a curiosidade, a partir para a descoberta do outro (ICHER, 2008, p. 158 *apud* TOLENTINO, 2012, p. 16).

Educação para o patrimônio é um convite à curiosidade. À descobrir nossas ancestralidades. À imaginar como seria se nos apropriássemos cada vez mais da nossa própria história, da nossa cidade e das memórias e territórios que nos atravessam.



A meta que se deve ter em vista, portanto, é de despertar no educando a curiosidade, o desejo e o prazer de conhecer e de conviver com os bens culturais enquanto patrimônio coletivo, e de levá-lo a se apropriar desses bens enquanto recursos que aprimoram a sua qualidade de vida, e que contribuem para seu enriquecimento enquanto pessoa e cidadão (TOLENTINO, 2012, p. 16).

2 — Enfrentar preconceitos e promover a diversidade cultural



Ao provocar os estudantes a terem um olhar mais atento a si mesmos e a seus territórios, percebendo o valor de sua cultura e de sua história, contribuímos para quebrar a falsa dicotomia entre o que é considerado “alta” e “baixa” cultura. Ao trazer para sala de aula essas reflexões, compartilhando diferentes referências e experiências culturais entre os estudantes, ampliamos coletivamente nosso repertório de informações e vivências, fortalecendo o respeito e o conhecimento acerca da diversidade cultural daquele território.

Todo lugar tem cultura, todo lugar tem patrimônio cultural, ele é o que faz nós sermos o que somos. Quando você traz esse aprendizado para uma área vulnerável, por exemplo, você combate preconceitos e intolerâncias, você mostra que não existe só uma maneira de viver no mundo, só um jeito certo. (FLORÊNCIO, 2015, p. xxx).



Quando essas reflexões entram na sala de aula, abrindo espaço pro compartilhamento de diferentes referências e experiências culturais entre os estudantes, ampliamos coletivamente nosso repertório de informações e vivências. Fortalecemos o respeito e o conhecimento acerca da diversidade cultural daquele território e evidenciamos que “tanto a memória como o esquecimento são produtos sociais” (TOLENTINO, 2012, p. 24).

O campo da cultura será sempre um espaço de conflitos, negociações e diversidade. As tradições culturais são atravessadas e, ao mesmo tempo, formadas por estruturas e mediações diversas como a religião, a família, a origem socioeconômica, o território, o gênero, a raça etc. Tentar dissociar esses elementos para apresentar de forma neutra e homogênea o que seja a cultura de um povo é impossível. **O papel do professor e da professora é, dessa maneira, buscar permanentemente ampliar o leque de referências e informações que os estudantes têm a respeito da diversidade de referências culturais de seus territórios, para que possam ter mais ferramentas para lidar de maneira particular com elas.** Independentemente da religião, preferência, valores e visões de mundo pessoais do educador, o seu papel é oferecer os caminhos para que os estudantes acessem essas informações e reflitam sobre sua identidade.

3— Promover a cidade e as comunidades dos estudantes enquanto territórios educativos

A rua de baixo pode ajudar a explicar a história da cidade, a capoeira da praça conta um pouco da formação do país. A biblioteca amplia o repertório e a experiência no museu ajuda a repensar a relação com os espaços e as possibilidades de ocupação e vivência dos estudantes nesses lugares. Olhar para o bairro e para a cidade em toda sua potência educativa é um caminho muito rico.

Partir das referências culturais locais para, por meio delas, acessar processos sociais e culturais mais amplos e abrangentes, em um registro no qual cada sujeito, a partir de seu repertório de referências, possa compreender e refletir, tanto sobre contextos inclusivos quanto sobre a diversidade cultural que o cerca (IPHAN, 2014, p. 27).

Os espaços públicos e comunitários precisam ser potencializados como agentes formativos que naturalmente são. Há muito já entendemos que a instituição escolar não é o único agente educativo na vida dos estudantes. É preciso articular essas outras dimensões sociais da família, da cidade e dos agentes culturais de forma transdisciplinar para promover a formação integral. A pedagoga Jaqueline Moll acrescenta:

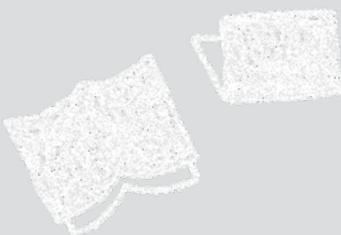
[...] a cidade precisa ser compreendida como território vivo, permanentemente concebido, reconhecido e produzido pelos sujeitos que a habitam. É preciso associar a escola ao conceito de cidade educadora, pois a cidade, no seu conjunto, oferecerá intencionalmente às novas gerações experiências contínuas e significativas em todas as esferas e temas da vida (MOLL, 2009, p. 15).

Chamar para esse percurso a cidade e a diversidade de atores que a constituem é permitir a expansão dos sujeitos para se repensarem como parte de uma vida social, compartilhada. É só no encontro com o outro que a gente consegue entender melhor a nós mesmos.

EDUCAÇÃO PATRIMONIAL SEGUNDO O IPHAN

Todas as vezes que as pessoas se reúnem para construir e dividir conhecimentos, investigar para conhecer melhor, entender e transformar a realidade que as cerca, estão realizando uma ação educativa. Quando tudo isso é feito levando em conta algo relativo ao patrimônio cultural, então trata-se de educação patrimonial. A educação patrimonial constitui-se de todos os processos educativos formais e não formais que têm como foco o patrimônio cultural, apropriado socialmente como recurso para

a compreensão sócio-histórica das referências culturais em todas as suas manifestações, a fim de colaborar para seu reconhecimento, sua valorização e preservação. Considera-se, ainda, que os processos educativos devem primar pela construção coletiva e democrática do conhecimento, por meio da participação efetiva das comunidades detentoras e produtoras das referências culturais, onde convivem diversas noções de patrimônio cultural.



CONSTRUÇÃO DE MEMORIAL – NARRATIVAS AUTOBIOGRÁFICAS



O que é uma narrativa autobiográfica?

A narrativa autobiográfica é uma forma de compreensão das dimensões da experiência docente. É uma meta-reflexão que mobiliza o sujeito na tomada de consciência e permite emergir um conhecimento de si em suas dimensões intuitivas, pessoais, sociais e políticas. A escrita autobiográfica remete a questões que dizem respeito a situações passadas e permite discutir, no presente, os sentidos construídos pelos narradores na sua própria história/memória.

É por meio das narrativas, ou autobiografias, que acontecem as escutas que possibilitam aos sujeitos se situar socialmente, articulando suas experiências individuais à História e à Educação. Escrever uma narrativa autobiográfica é ir além de uma contação de história, ou apresentar uma versão de uma trajetória pessoal: é atentar para os aspectos interpretativos do relato individual.

Producir um relato descritivo é escolher, dentre os diferentes suportes midiáticos, aqueles que melhor respondem às condições de produção, consumo e circulação de informações em relação às tecnologias disponíveis em contexto pandêmico. **O relato autobiográfico poderá ser elaborado em diferentes suportes, tais como impresso, audiovisual, sonoro, fotográfico etc., utilizando-se de quaisquer recursos tecnológicos disponíveis.**

Nesse contexto, assume enorme importância o entendimento da trajetória na qual os sujeitos vieram se formando (e ainda se formam) profissionalmente, bem como das concepções por eles partilhadas acerca do processo de ensino-aprendizagem, a forma como veem a si mesmos enquanto docentes e como estudantes. É também importante, a percepção que os docentes possuem acerca de seu saber, bem como do universo que constitui o cotidiano escolar, considerando inclusive aspectos da realidade social (nas suas dimensões histórica, política e cultural) que aí interferem.

A especificidade que caracteriza participantes deste curso constitui a justificativa para a elaboração de um memorial, uma vez que os integrantes são profissionais da educação que buscam aperfeiçoar sua formação. Essa proposição justifica-se pelo fato de ela possibilitar a articulação entre os conceitos fundamentais trabalhados no curso e os saberes construídos na experiência profissional de cada participante.

OBJETIVOS

Evidenciar as concepções docentes, seus saberes, suas percepções, bem como a articulação entre os conhecimentos sistematizados ao longo da formação e suas práticas. Assim, espera-se que cada cursista possa refletir sobre momentos significativos de sua trajetória, ressaltando as várias temporalidades vividas.

Pretende-se que a partir da elaboração do memorial se desencadeie uma série de reflexões que partirão do particular (cada trajetória em suas especificidades) para o geral (relação entre essas trajetórias e a formação em geral).

ORIENTAÇÃO PARA ELABORAÇÃO DO MEMORIAL

O que é um memorial?

A escola da mestra Silvina

Cora Coralina

Minha escola primária...	Não, que a Mestra
Escola antiga de antiga mestra.	era boa, velha, cansada, aposentada.
Repartida em dois períodos	Tinha já ensinado a uma geração
para a mesma meninada,	antes da minha.
das 8 às 11, da 1 às 4.	A gente chegava “- Bença, Mestra.”
Nem recreio, nem exames.	Sentava em bancos compridos,
Nem notas, nem férias.	escorridos, sem encosto.
Sem cânticos, sem merenda...	Lia alto lições de rotina:
Digo mal — sempre havia	o velho abecedário,
distribuídos	lição salteada.
alguns bolos de palmatória...	Aprendia a soletrar.
A granel?	

O poema anterior nos faz refletir acerca da estrutura da escola de Mestra Silvina, nos desloca para uma época do ensino simultâneo, conteudista e enfatiza a ideia de obediência e aprendizado por meio dos castigos dados pela Mestra. A figura do professor que castiga e toma a tabuada e o abecedário destoa da imagem do professor dos tempos atuais. Contudo, só temos acesso a essa concepção por meio das memórias individuais da autora.

É importante que o memorial assuma a forma de uma narrativa livre, porém caracterizada por um caráter analítico-reflexivo. Dessa forma, para além da “descrição” da trajetória profissional, espera-se que o memorial contenha uma análise da mesma, sendo, portanto, observada a articulação entre teoria e prática, ou seja, descrição, reflexão e problematização da trajetória de vida e da profissionalização. A narrativa deverá considerar a estrutura a seguir apresentada:

Trajetória pessoal

1— Escolher um ou mais objetos biográficos.

(Objetos biográficos são aqueles que contam histórias, evocam pessoas e situações vividas e o seu entorno; possuem valor subjetivo).

2— Fotografar e identificar o objeto biográfico.

3— Escrever sobre o valor simbólico, afetivo do objeto (Parte escrita – narrativa autobiográfica, memórias).

Escolarização

→ Em que momento chegou no ensino superior?

→ Influência de alguém? Decisão própria?

→ Como foi escolher o curso?

Trajetória profissional – reflexões

→ De que maneira procuro articular teoria e prática?

→ Qual a função social da escola atualmente?

→ Qual minha função como docente?

- Qual minha concepção de conhecimento?
- Quais elementos podem, no meu entendimento, facilitar os processos de ensino e aprendizagem?
- Que tipo de relação estabeleço, normalmente, com meus alunos?
- Como percebo a relação escola-família?
- A escola pode intervir na realidade social? Comente.
- Quais recursos didáticos costumo utilizar em sala de aula? De que maneira o faço?
- Que elementos destaco na minha formação e prática como positivos e que, portanto, não sinto necessidade de alterar? Por quê?
- Que elementos destaco na minha formação e prática como negativos e que, portanto, gostaria de melhorar? Por quê?

Narrativas patrimoniais

- O que consideramos patrimônio?
- Patrimônio é somente aquele institucionalizado pelos órgãos oficiais?

RECURSOS COMPLEMENTARES

→ VIDEOAULA “MURAL DE PISTAS SOBRE MIM”

bit.ly/muraldepistas1



→ VIDEOAULA “PRA QUE UMA EDUCAÇÃO PARA O PATRIMÔNIO”

bit.ly/educacaopatrimonial1



02 MATOZINHOS E SEUS PATRIMÔNIOS

Émuito importante compreender as possibilidades de reconhecimento e salvaguarda públicas de bens culturais, para que possamos compreender o que ainda falta ser inserido ali, bem como o que já foi reconhecido e demanda práticas de cuidado, valorização e promoção. Dessa maneira, reunimos aqui alguns dos conceitos, órgãos públicos e terminologias básicas que acionamos para falar do tema do patrimônio cultural, para esclarecer essas informações principais para o trabalho na área. Cabe relembrar, como conversamos há pouco, que há uma infinidade de referências culturais que atravessam nossas memórias e os territórios por onde passamos, que formam nossa identidade e que constituem patrimônios compartilhados coletivamente, e nem todas essas práticas culturais são reconhecidas, registradas ou tombadas por órgãos oficiais responsáveis pela salvaguarda dos bens culturais. Por isso, não se pode determinar se uma prática é patrimônio cultural ou não tendo como base apenas seu reconhecimento oficial.

REFERÊNCIAS CULTURAIS

São os domínios da vida social aos quais são atribuídos sentidos e valores coletivamente e que, portanto, constituem marcos e referências de identidade para determinado grupo social. São os elementos da vida que aquele grupo, naquele território, identifica como importantes e compartilhados.

INVENTÁRIO DE REFERÊNCIAS CULTURAIS

É uma metodologia de pesquisa desenvolvida pelo Iphan para produzir conhecimento sobre as referências culturais dos territórios. Consiste em um mapeamento inicial feito de forma colaborativa, com detentores e produtores culturais de territórios específicos, para a criação dessa lista de bens culturais



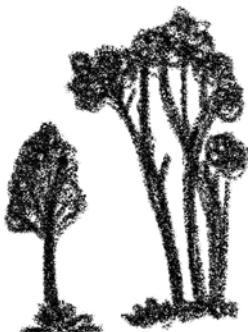
importantes para aquele local. É um passo inicial no processo de oficialização de determinadas manifestações culturais de um local como patrimônios registrados ou tombados. É imprescindível que seja feito de forma participativa, já que apenas o povo daquele território poderá dizer o que ali entendem coletivamente como referências culturais importantes e compartilhadas.

PATRIMÔNIO CULTURAL MATERIAL E IMATERIAL



Os patrimônios culturais são referências culturais inventariadas como bens e, em seguida, registradas (no caso dos bens imateriais) ou tombadas (os bens materiais), por um órgão regulador federal, estadual ou municipal. Os patrimônios materiais são monumentos, conjuntos de construções e sítios arqueológicos de fundamental importância para a memória, a identidade e a criatividade dos povos e a riqueza das culturas. Os patrimônios culturais de natureza imaterial dizem respeito àquelas práticas e domínios da vida social que se manifestam em saberes, ofícios e modos de fazer; celebrações; formas de expressão cênicas, plásticas, musicais ou lúdicas; e nos lugares. É muito importante lembrar, entretanto, que essa é uma divisão conceitual, e que na prática as dimensões materiais e imateriais dos patrimônios estão sempre muito interligadas.

REGISTRO



O registro é o instrumento legal que visa reconhecer, valorizar e fomentar a preservação dos patrimônios culturais imateriais. O processo de registro segue uma série de requisitos que partem do inventário local, de pesquisas sobre aquele bem e levantamento de dados. Os bens registrados são organizados em quatro livros: Livro de registro dos Saberes (para a inscrição de conhecimentos e modos de fazer enraizados no cotidiano das comunidades); Livro das Celebrações (para rituais e festas que marcam a vivência coletiva do trabalho, da religiosidade, do entretenimento e de outras práticas da vida social); Livro das Formas de Expressão (para as manifestações literárias, musicais, plásticas, cênicas e lúdicas, produzidas por coletividades e que tenham transmissão geracional de seus saberes e práticas); Livro dos Lugares (destinado à inscrição de espaços representativos de identidades, como mercados, feiras, praças

e santuários onde se concentram e reproduzem práticas culturais coletivas). O bem cultural inscrito em um ou mais Livros de Registro recebe o título de Patrimônio Cultural do Brasil (no caso do registro feito pelo Iphan) e, após esse reconhecimento, passa a ser denominado como um bem cultural registrado. A consequência do reconhecimento como patrimônio cultural é a valorização do bem registrado, sendo o órgão que o registrou responsável por realizar sua salvaguarda (ALENCAR, 2017).

TOMBAMENTO

É um instrumento de preservação e salvaguarda do patrimônio cultural material: edifícios, monumentos, sítios, regiões, entre outros. Pode ser feito na esfera federal, estadual ou municipal. É um ato administrativo realizado pelo poder público com o objetivo de preservar, através da aplicação da lei, bens de valor histórico, cultural, arquitetônico e ambiental para a população, impedindo que venham a ser destruídos ou descaracterizados. Após serem tombados, os bens passam a ter uma série de medidas de salvaguarda. Um edifício, por exemplo, passa a ter que seguir normas que garantam a manutenção das características físicas de sua estrutura.

SALVAGUARDA

Após a inscrição do bem cultural em um ou mais Livros de Registro, os órgãos reguladores irão trabalhar em conjunto com os grupos e segmentos de detentores para o desenvolvimento de ações e planos de salvaguarda. Entende-se como salvaguarda as medidas que visam garantir a viabilidade do patrimônio cultural, tais como: a identificação, documentação, investigação, preservação, proteção, promoção, valorização, transmissão e a revitalização desse patrimônio em seus diferentes aspectos. A salvaguarda do bem registrado deve ser compreendida como um processo no qual os detentores, junto ao poder público, trabalharão em parceria para identificar com maior profundidade a situação na qual o bem cultural se encontra. Irão refletir sobre os meios para resolver eventuais problemas que os bens enfrentam para a continuidade da prática, bem como planejar e executar ações estratégicas para solucionar esses impedimentos. A realidade de cada bem registrado demonstrará quais serão as

ações de salvaguarda mais indicadas. A salvaguarda realizada pelo Iphan deve atender a todos os grupos ou indivíduos detentores, de acordo com o contexto sociocultural de cada bem registrado (ALENCAR, 2017).

DETENTORES

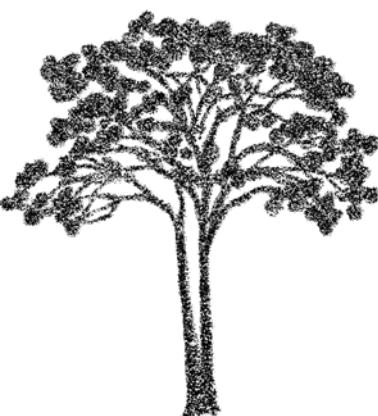
Denominação dada às pessoas que integram comunidades, grupos, segmentos e coletividades que possuem relação direta com a dinâmica de produção e reprodução de determinado bem cultural imaterial e/ou de seus bens culturais associados, para as quais a prática cultural possui valor referencial por ser expressão da história e da vida de uma comunidade ou grupo, de seu modo de ver e interpretar o mundo, ou seja, sua parte constituinte da memória e identidade. Os detentores possuem conhecimentos específicos sobre esses bens culturais e são os principais responsáveis pela sua transmissão para as futuras gerações, pela continuidade da prática e dos valores simbólicos a ela associados ao longo do tempo (ALENCAR, 2017).

IPHAN

O Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (Iphan) é uma autarquia federal vinculada, atualmente, ao Ministério do Turismo, que responde pela preservação do patrimônio cultural brasileiro. Cabe ao Iphan proteger e promover os bens culturais do país, assegurando sua permanência e usufruto para as gerações presentes e futuras. O Iphan é responsável, em nível federal, pela identificação das manifestações culturais com vistas a promover a proteção da diversidade cultural do país e assegurar às pessoas a fruição desses direitos. O Iphan possui superintendências estaduais em todas as unidades da federação. Ele atua em diversas frentes com formações, viabilização de recursos para programas de salvaguarda e, entre outras atividades, é o responsável por processos de registro e tombamento de patrimônios culturais nacionais.

IPAC -MG

Entre as medidas administrativas voltadas para a proteção do patrimônio cultural, o IEPHA MG desenvolveu o Inventários de Proteção do Acervo Cultural (IPAC). Previsto pela constituição federal e na legislação estadual, o inventário



observa as manifestações culturais que fazem parte dos territórios, da história local e da vida cotidiana de uma população. Para isso, a partir de ações em conjunto com as comunidades e agentes culturais, o IPAC busca compreender as referências culturais e cadastrar bens culturais materiais e imateriais do estado de Minas Gerais. Além disso, as ações do inventário também envolvem a pesquisa, gestão e documentação de bens culturais de forma sistemática e permanente.

IEPHA

Nos estados e municípios o trabalho de proteção e valorização do patrimônio cultural ocorre por meio de órgãos de preservação específicos ou de secretarias, fundações e/ou conselhos de cultura municipais e estaduais. Algumas vezes, os bens registrados pelo Iphan também possuem reconhecimentos locais ou regionais nos seus estados e municípios; outras vezes, não. A valorização local desses patrimônios é muito importante e, apesar de não ser obrigatória, pode contribuir para que a salvaguarda dessas práticas culturais seja considerada mais efetivamente em políticas e programas estaduais e municipais de áreas diversas tais como, saúde, educação, meio ambiente, desenvolvimento local, gestão territorial, entre outras. No caso de Minas Gerais, temos o Instituto Estadual do Patrimônio Histórico e Artístico de Minas Gerais (Iepha-MG), uma fundação vinculada à Secretaria de Estado de Cultura de Minas Gerais que atua no campo das políticas públicas de patrimônio cultural (IPHAN, 2021).

O município de Matozinhos possui órgãos e espaços voltados para o município, tais como o Palácio da Cultura e o Conselho de Cultura.

PALÁCIO DA CULTURA

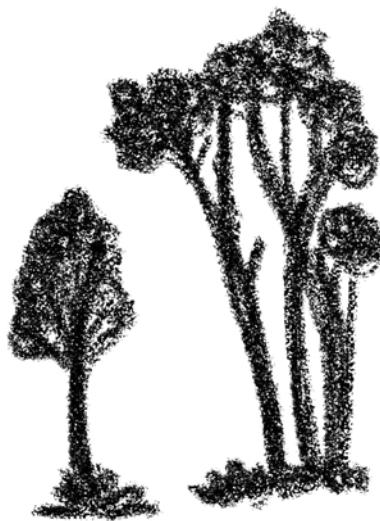
Local usado como sede da Subsecretaria da Cultura e Turismo, o palácio atua como um espaço de apoio às manifestações culturais. No local também funciona a biblioteca pública e o Memorial Agripa Vasconcelos. No Palácio da Cultura artistas locais têm espaço para realizar apresentações e exposições. Por muito tempo, o local atuou como um serviço de base, onde grandes eventos como shows de artistas nacionais aconteciam no entorno do prédio. No regimento interno do palácio, sua ação é delimitada como um espaço voltado para even-



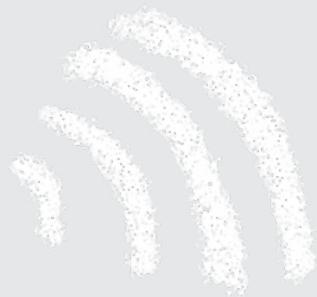
tos ligados à cultura. Dessa maneira, o local pode receber apresentações musicais e teatrais, treinamentos, oficinas e exposições.

CONSELHO DE CULTURA

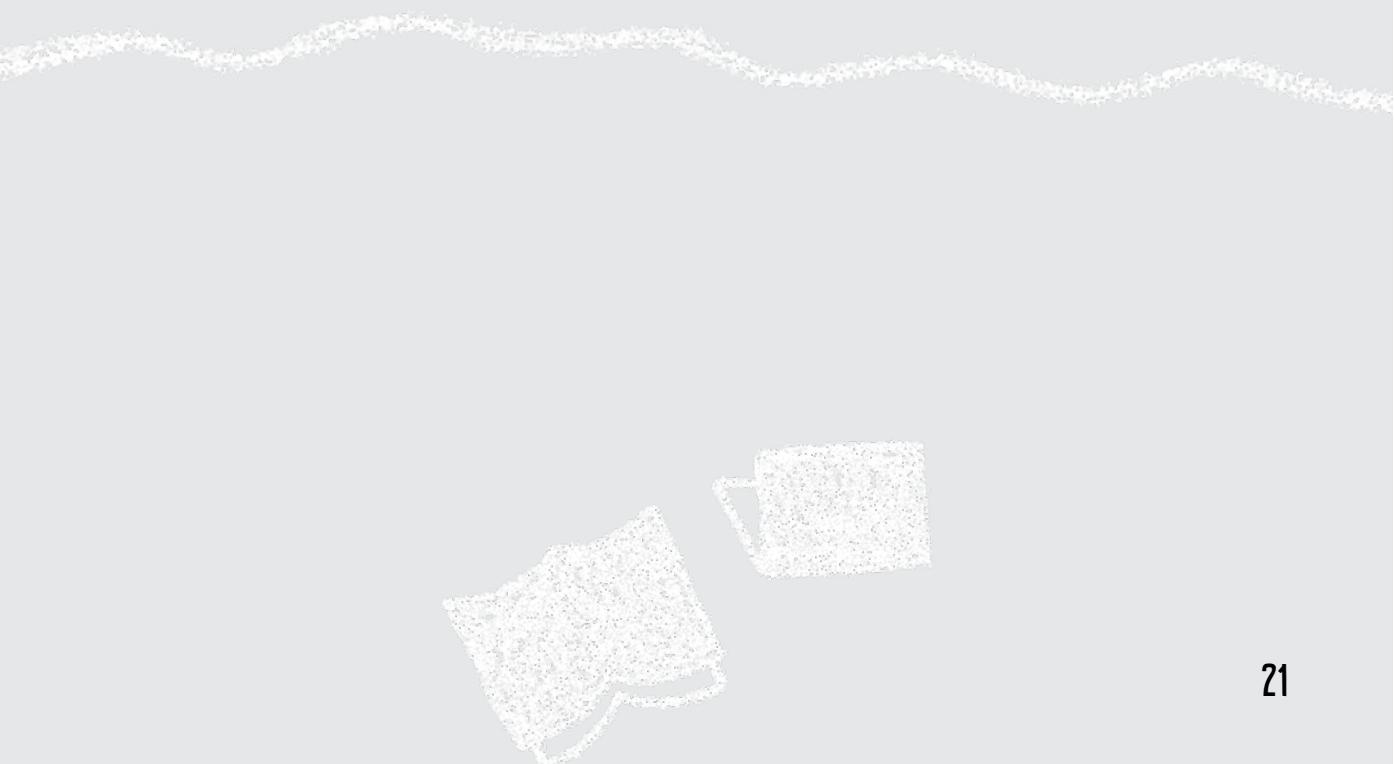
O Conselho de Cultura é um órgão importante que envolve membros da sociedade civil. Espaço deliberativo e independente do poder público, o conselho busca apresentar ao poder público as demandas relacionadas à cultura da cidade. Em ação conjunta com a Subsecretaria de Cultura, o conselho ajuda a delimitar onde os recursos serão usados e de que maneira as demandas locais podem ser divididas. A formação do conselho acontece a partir de uma eleição. A população é convocada para indicar representantes e, em seguida, é formada a mesa diretora do conselho, que elege os presidentes e subsecretários. Pessoas eleitas para o conselho podem ter apenas uma reeleição. O trabalho do conselho acontece de forma voluntária e reúne diferentes representantes culturais locais.



ATIVIDADE PROPOSTA



Organizamos no Anexo deste material um **Compilado dos bens culturais de Matozinhos** inventariados, registrados e tombados pelo município, pelo Iepha ou pelo IPHAN. Te convidamos a explorar esses bens e observar o que dessa lista você e seus estudantes já conhecem, o que ainda falta entrar nesse escopo e de que maneira esses bens culturais podem dialogar com suas disciplinas.



03 FAZENDA BOM JARDIM

A região de Matozinhos conta com várias fazendas do período colonial que constituíram parte importante da formação sócio-histórica do município. Entre elas, temos, por exemplo: Fazenda da Jaguara, Fazenda do Engenho, Fazenda Bom Jardim e Fazenda do Mocambo. No século XVII, com o declínio da produção aurífera, houve grande dispersão das populações pela região e novas atividades econômicas passaram a ser realizadas, incluindo a agricultura e a pecuária, que deram lugar à mineração. A Fazenda Bom Jardim surge nesse contexto de decadência da exploração de ouro na região do Rio das Velhas, tendo seus primeiros registros datados de 1742. Ela já englobou um terreno bem maior do que sua delimitação atual. Em 1891, por exemplo, a Bom Jardim era composta pelas terras que hoje são identificadas como Faustina, Fazenda Caxambu, Quintas das Fazendinhas, Palmeiras, bairro Nossa Senhora de Fátima, bairro São Miguel e adjacências (BAETA; PILÓ, 2017).

A Fazenda se tornou um estabelecimento rural importante para a região, principalmente, com a criação de gado de corte e de leite, além de lavouras de milho, criação de porcos, produção de manteiga e exploração de madeira. Ela foi parte do processo de desenvolvimento do município, atuando ativamente, por exemplo, na inauguração da Estação Ferroviária de Matozinhos, em 1895, com o fornecimento de alimentos aos trabalhadores e de madeira para a construção da ferrovia. Segundo Alenice Baeta e Henrique Piló, autores do livro *A antiga Fazenda Bom Jardim do Visconde do Rio das Velhas – arqueologia histórica na APA Carste Lagoa Santa*, uma escritura de venda da fazenda de 1784 traz em detalhes o inventário de itens da Fazenda que nos ajuda a compreender melhor os usos do espaço à época:

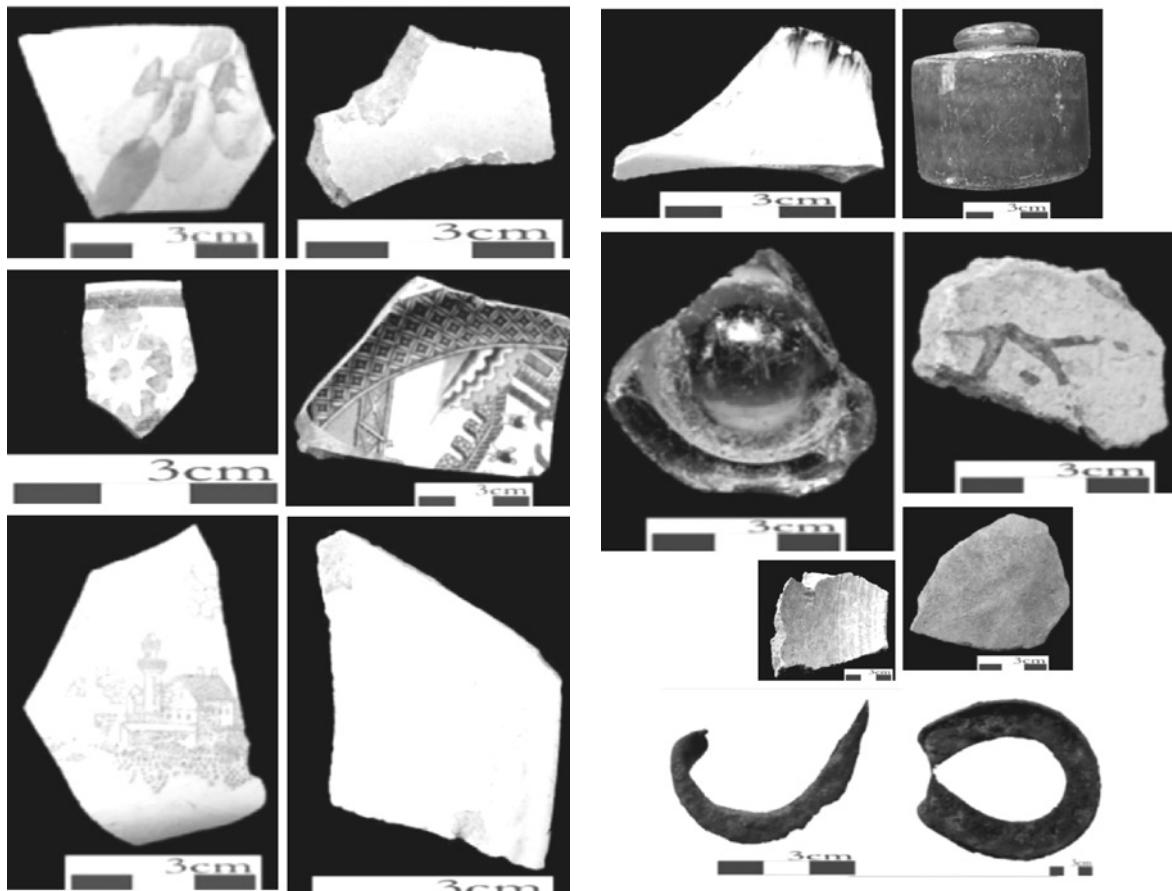
Na escritura (cópia nos anexos), além de nominar os vinte e seis (26) escravos da Fazenda Bom Jardim, são detalhadas as benfeitorias e bens, como: engenho, cortume, moinho, casas de vivenda co-

bertas de telhas, senzala, duas (2) formas de cobre de torrar farinha, tacho de cobre de fazer azeite, dois (2) tachos pequenos, garfos e colheres, quatorze (14) bestas arreadas, doze (12) alqueires de planta de milho, seis (6) alqueires de planta de feijão, dois (2) carros de boi, cinquenta (50) cabeças de porcos, seis (6) juntas de boi e diversas ferramentas. Também pertencente a Fazenda Bom Jardim, cita um paoi de telhas no Mocambo (BAETA; PILÓ, 2017, p. 11).

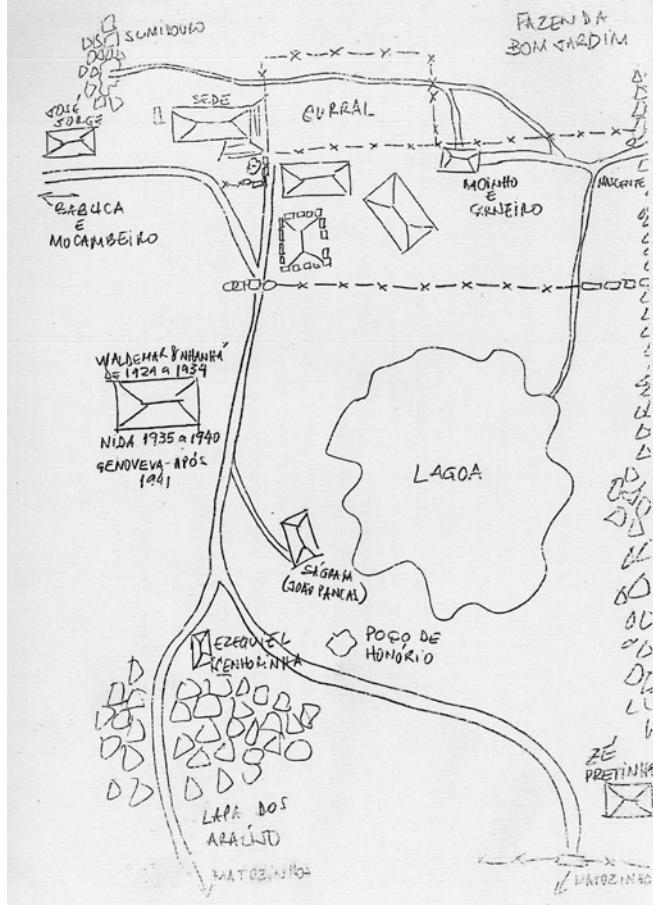
Hoje o sítio histórico e arqueológico Ruínas Bom Jardim, que faz parte do território da antiga fazenda Bom Jardim, fica localizado dentro da propriedade da fábrica Cimento Nacional. Em 2013, a empresa realizou pesquisa histórica e arqueológica no local para aprofundar melhor o contexto histórico dessa construção e de seus usos no passado. A partir da pesquisa foram encontrados pedaços de louças de uso doméstico de um material denominado de faiança, um tipo de porcelana de origem inglesa produzida a partir do século 18 e que foi utilizado em grande escala no Brasil de 1808 a 1890.¹ Além disso, foram identificadas fragmentos de cerâmicas envernizadas e históricas, como a pedra-sabão. Foram encontradas também peças de metal:

A grande maioria do material metálico é constituído por pregos e cravos, oriundos provavelmente de restos de reformas sofridas na casa no decorrer do tempo. Foram encontrados também farraduras e cravos. A grande totalidade da tralha metálica evidenciada constitui-se basicamente de utensílios de uso cotidiano, como copos, tampa de leiteira, talheres, bacia ou penico, entre outros. [...] Foi observado também um estojo de munição de arma de fogo, já deflagrada, provavelmente de revólver. (BAETA; PILÓ, 2017, p.65).

¹ Informações da cartilha Gruta do Ballet, produzida pela empresa em ANO.



As ruínas da antiga Fazenda Bom Jardim situam-se no entorno da lagoa natural Bom Jardim. A construção que hoje permanece mais preservada no espaço era o local utilizado como paiol para depósito de milho e de outras colheitas. O paiol foi o uso mais recente da construção, mas há indícios de que o local possa ter sido utilizado também como senzala no período escravagista, entre os séculos 17 e 19. Em frente ao paiol, ou senzala, tem-se as bases do antigo casarão da fazenda e o curral de bezerros. Havia ainda em torno de seis a oito casas na fazenda de trabalhadores e arrendatários que trabalhavam na manutenção de pastos, na colheita de milho e na produção de leite, por exemplo.



É importante destacar que, assim como tantas outras naquele período, a Fazenda Bom Jardim foi local de trabalho escravo de negros e negras sequestrados de seus países de origem durante o período escravagista. No livro *100 anos de Brasil*, de João Pezzini, neto de Francisco Pezzini, antigo proprietário da Fazenda, além de um compilado de informações detalhadas sobre o espaço com documentações e fotografias, são trazidos os nomes de alguns desses negros e negras escravizados na Fazenda Bom Jardim em 1784:

LISTAGEM DE NEGROS E NEGRAS ESCRAVIZADOS NA FAZENDA BOM JARDIM NO INVENTÁRIO DE 1784

- 1 José Tico
- 2 João Banguela
- 3 Francisco Moleque
- 4 Francisco Casado
- 5 Pasqual de Nassau Angola
- 6 João Cambambe
- 7 Franciso Júlia
- 8 João Gongo Teixeira
- 9 José da Vala
- 10 José Colhoreiro
- 11 Joaquim Angola
- 12 Antonio Crioulo
- 13 Valentim Crioulo
- 14 Theodoro Crioulo
- 15 Vicente Crioulo
- 16 Bernardo Crioulo
- 17 Victoriano Crioulo
- 18 Caetano Crioulo
- 19 Maria Izabel
- 20 Angola
- 21 Francisca
- 22 Joana
- 23 Roza Mina

Fonte: PEZZINI, 2000, p. 15.

Há algumas histórias de tradição oral a respeito desse tempo de violências e vivências da população negra na Fazenda. Há no local, por exemplo, a lenda de uma mulher escravizada, chamada Babuca, que teria sido violentada por seu senhor, ficou grávida e fugiu pela mata, utilizando como abrigo uma gruta e recebendo alimentos de outros escravizados. A lenda conta que Babuca e seu bebê não sobreviveram e acabaram falecendo no parto. A gruta onde ela teve abrigo se tornou um pequeno santuário, em que muitos acendiam velas e faziam preces a ela. Como toda história de tradição oral, há ainda diversas outras versões dessa narrativa. Há também relatos de moradores da região de que seria possível, à noite, ainda nos dias de hoje, ouvir batuques de tambores do século 18 no local das ruínas chamadas de senzala.

A região foi também rota de fuga para algumas dessas pessoas escravizadas. O Mocambeiro, por exemplo, distrito de Matozinhos, se constituiu como espaço de acolhida, de aquilombamento para muitos desses sujeitos. De acordo com pesquisa realizada pelo historiador Evando Costa, que também é morador de Mocambeiro e participante do Congado, manifestação cultural e religiosa local, o nome do distrito indica que se trata de um território quilombola:

O nome do Distrito deriva da palavra “mocambo”, que significa “couto de escravos na floresta, quilombo” ou ainda “choupana”, sendo Mocambeiro “quilombolas, aquele que mora em mocambo”.

Neste caso, parece haver uma estreita relação entre o significado de seu nome e uma possível origem para a população que o habita. Evidência disto é a marcante presença de afro-descendentes entre seus moradores, os quais preservam tradições culturais típicas dos descendentes de escravos em Minas Gerais [...] (COSTA, 2006, p. 24).

Costa, que investiga o Grupo de Congado de Nossa Senhora do Rosário de Mocambeiro, explica que a primeira capitania do grupo foi formada no distrito em 1917 e, mesmo enfrentando períodos de intensa perseguição até da própria Igreja Católica, se mantém viva e atuante ainda hoje, sendo, dessa maneira uma organização centenária. Os relatos dos congadeiros colhidos por Evando demonstram que um dos criadores da festa em Mocambeiro foi o

ex-escravizado Quirino. É importante destacar que o Congado constitui uma manifestação sincrética, reunindo elementos diversos de religiões de matiz africana e do catolicismo e, a partir de seus símbolos e rituais, perpetua uma série de conhecimentos, visões de mundo e elementos de fé que resistiram aos mecanismos violentos de opressão e apagamentos aos quais a população negra foi submetida durante o período da escravidão no país.

[...] pode-se perceber que o Congado, compreendido na sua totalidade, consiste em um sistema bastante complexo que envolve variados ritos, tais como danças, cânticos, toques de caixas, coroações de reis e rainhas, e que reforça a identidade negra, através da experiência concreta, da convivência, da socialização neste meio religioso-cultural, ou seja, da participação efetiva neste ritual (COSTA, 2006, p. 22).

A região do Mocambeiro foi elevada a distrito em 1948 e é composta por aglomerado urbano e propriedades rurais. Além da Capela Santo Antônio, localizada na praça central do distrito, Mocambeiro conta com um rico conjunto paisagístico, como a Lagoa da Vargem da Pedra, além de várias grutas onde foram encontrados fósseis pré-históricos e pinturas rupestres diversas.



APAGAMENTOS

Ao olharmos para a Fazenda Bom Jardim e todo o patrimônio tombado ou registrado do município, é importante refletirmos também sobre que histórias, fazeres e práticas ainda não estão contemplados nesses registros. Os patrimônios culturais não estão dados no mundo para apenas serem reconhecidos de forma neutra. Essa valorização é fruto de escolhas que envolvem relações de poder e que, muitas vezes, reforçam e reproduzem relações de dominação e de desigualdade. É por isso que precisamos aprofundar a nossa noção de patrimônio cultural para além daqueles elementos que já são hoje formalmente reconhecidos. No caso da Fazenda, por exemplo, para além das ruínas e de sua importância econômica, é fundamental refletirmos sobre a força e a presença das pessoas negras escravizadas nesses locais: seu trabalho, suas práticas culturais, seus conhecimentos, saberes e histórias apagadas e destruídas.

O conjunto tombado acabou por criar, assim, uma visão parcial do que somos, na medida em que nem todos estão ali representados, alguns bem mais que outros. Nossa memória é cravada por imagens de fortalezas militares, Casas de Câmara e Cadeia, Igrejas católicas, fazendas e engenhos, denotando que os personagens da memória nacional são as elites políticas, militares, religiosas e econômicas (TOLENTINO, 2012, p. 34).

É muito importante nos atentarmos para os apagamentos que acontecem de determinados bens e manifestações culturais. O genocídio de grande parte da população indígena e negra do Brasil e os processos violentos de expatriação e trabalho escravo vivenciados por essas populações são exemplos muito evidentes. A violência não foi só física, mas se deu também no campo simbólico e cultural. Houve um esforço sistemático de apagamento de uma diversidade imensurável de costumes, crenças, saberes e modos de viver. Essas populações, claro, resistiram e ainda resistem se reinventando e perpetuando suas tradições. Contudo, é importante levar em conta essas desigualdades históricas de representação e valorização cultural que, muitas vezes, resultam em perpetuação de preconceitos e em desvalorização de determinados modos de viver.

Esse quadro acaba por originar um desequilíbrio de representatividade em termos da origem étnica, social e cultural, o que provoca, por sua vez, uma crise de legitimidade e uma baixa identificação da população, em alguns casos, com o conjunto do que é reconhecido oficialmente como Patrimônio Cultural Nacional. Nesse sentido, é fundamental conceber as práticas educativas em sua dimensão política, a partir da percepção de que tanto a memória como o esquecimento são produtos sociais (IPHAN, 2014, p. 23).

Um avanço importante que tivemos na legislação da educação no país foi a aprovação da **Lei n. 10.639/2003 (alterada pela Lei n. 11.645/2008)**, que **tornou obrigatório o ensino da história e cultura afro-brasileira e africana em todas as escolas, públicas e particulares, do ensino fundamental até o ensino médio**. A lei propõe diretrizes para que o estudo dessa história seja

incorporado ao currículo escolar ressaltando as contribuições de intelectuais negros e negras do país, bem como as manifestações culturais afro-brasileiras diversas: musicais, culinárias e de festejos e, ainda, as religiões de matrizes africanas. Foi um passo significativo para que a história apresentada em sala de aula não comece e nem se limite apenas à migração forçada e à escravização dos povos africanos no Brasil. Mas que traga à luz as contribuições, as heranças culturais, os conhecimentos, os legados e as raízes de formação do povo brasileiro. Contudo, da aprovação da lei à aplicação prática em todas as salas de aula Brasil afora, ainda temos um abismo enorme.

Para nos aprofundarmos um pouco nessa discussão, separamos aqui um breve vídeo de Benilda Brito, pedagoga e mestre em Gestão Social. Ela fala sobre o processo educacional das crianças negras no Brasil, ainda muito marcado pelo racismo estrutural. A pedagoga explica como a discriminação contribui diretamente no processo de aprendizagem desses alunos, tendo como uma das consequências o baixo rendimento escolar. Ela reforça a importância da educação não formal, também repassada pelos mais velhos aos mais novos, que garante a sobrevivência e sabedoria de muitos dos povos negros.

RECURSOS COMPLEMENTARES

→ VÍDEO: O RACISMO É PERIGOSO NA EDUCAÇÃO DAS CRIANÇAS

<https://bit.ly/racismonaescola>



ATIVIDADE PROPOSTA



Propomos como atividade a visita ao Museu Ojú Aiyê – História e Ancestralidade. O museu, que é o primeiro do município, preserva memórias materiais e imateriais do povo negro africano escravizado em terras brasileiras. Conta com a exposição de documentos, objetos e fotografias diversas que apresentam um pouco das contribuições e riquezas do povo negro no Brasil e também o processo de desumanização e escravização no período colonial, trazendo informações específicas desse contexto na região de Matozinhos.

O museu está localizado no endereço Rua Carlos Martins, 212, Centro, Matozinhos, MG. Para a visita, basta entrar em contato e agendar um horário pelo número **(31) 98970-1507**.

RECURSOS COMPLEMENTARES

→ REPORTAGEM ESPECIAL DA PREFEITURA DE MATOZINHOS SOBRE A FAZENDA DA JAGUARA E O MUSEU AFRO OJÚ AIYÊ
DISPONÍVEL EM: bit.ly/museuafrooju



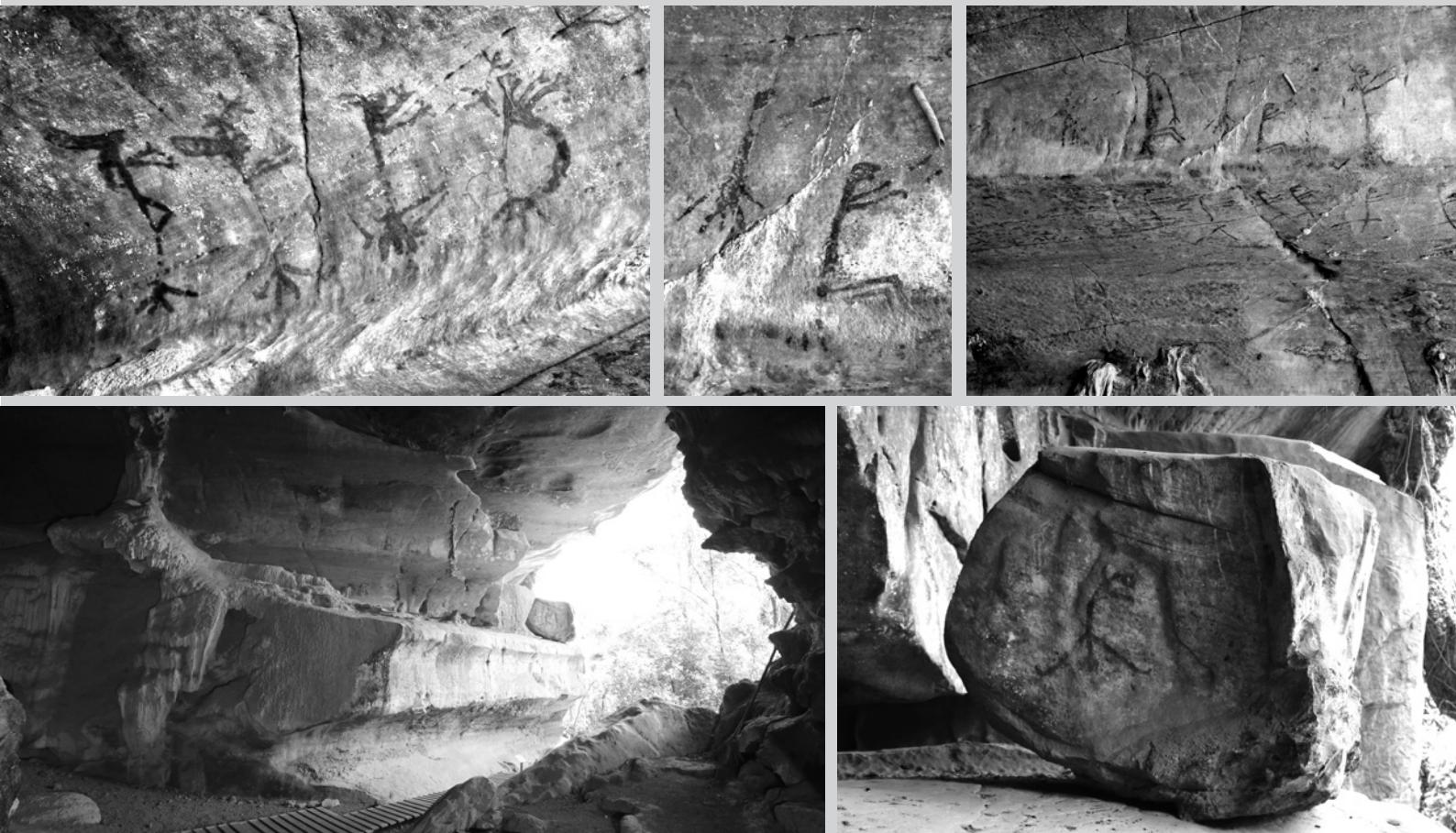
- Conheça a palestra “O perigo de uma história única”, ofertada pela grande escritora nigeriana Chimamanda 30 Adichie. Na palestra ela discute o poder das narrativas e o perigo da falta de acesso à diversidade de informações para a perpetuação de estereótipos e desigualdades.
- DISPONÍVEL EM: bit.ly/operigo



04 GRUTA DO BALLET

Localizada na RPPN da Fazenda Bom Jardim, nas dependências da empresa Cimento Nacional, a Gruta do Ballet é Patrimônio Arqueológico e Espeleológico de Minas Gerais, parte integrante do Conjunto Poções, tombado pelo Iepha/MG desde 1996. No mesmo ano do tombamento, a gruta foi cercada para proteção e passou a receber visitantes de maneira controlada com o objetivo de preservação do espaço. Em 2002, foi realizado projeto pioneiro de revitalização das pinturas rupestres presentes na gruta, que datam de 8 a 12 mil anos, a chamada Idade da Pedra Polida.

As pinturas, que dão nome à gruta pelo estilo de seu traço único na região e pela cena que constroem, constituem um patrimônio exclusivo e reconhecido nacional e internacionalmente. O conjunto de painéis de pinturas rupestres da gruta foi denominado por estudiosos como *Ritual da Fertilidade*. As imagens do painel remetem a uma gestação, às celebrações e a um parto.



Há dois tipos de grafismos na gruta. O primeiro são as pinturas feitas em pigmentos de dióxido de ferro (avermelhado) e dióxido de magnésio (preto). Essas pinturas com grafismos que representam figuras humanas estão organizadas em três fileiras: Na primeira, uma fileira de mulheres, com cocares, algumas delas grávidas, representam o ritual da fertilidade. Há ainda uma segunda fileira de mulheres e, abaixo desta, uma fileira de homens. Nessas duas todos parecem estar festejando e se direcionam para uma pedra localizada na porta de entrada da gruta onde está representada a cena de um parto. Há ainda um segundo tipo de grafismo na gruta: uma gravura feita por picoteamento, que também representa uma figura humana. Grande parte das pinturas rupestres da região, como em Mocambeiro, por exemplo, trazem formas de cervídeos, animais, ou datações, no estilo chamado Planalto. Já nessa gruta, o estilo utilizado foi o chamado Ballet e as formas são de antropomorfos (figuras humanas).

A Gruta do Ballet já foi território de várias pesquisas. A Academia de Ciências de Minas Gerais atuou na área entre as décadas de 30 e 60; em 1956 houve uma expedição Franco-Brasileira chamada “Projeto Arqueológico Lagoa Santa” coordenado por W. Hurt e a partir dos anos 70 o setor de arqueologia passou a atuar no espaço. Essas pesquisas geraram grande quantidade de informações que nos dão notícias a respeito dos habitantes pré-históricos da região. Entende-se que a ocupação foi de *Homo Sapiens Sapiens* no final do pleistoceno (há aproximadamente 11 mil anos). Ao serem procurados vestígios que indicassem se a gruta foi local de sepultamento e se foi espaço de moradia permanente, por exemplo, nenhum indício foi encontrado nesse sentido. Sugere-se que a Gruta do Ballet foi usada como espaço de passagem apenas nesse período, tratando-se de grupos de caçadores e coletores que ocupavam temporariamente os abrigos e entradas da gruta para atividades como processamento de recursos alimentares, fabricação de utensílios, entre outros. Já na Lapa do Santo, região de Mocambeiro que vem sendo escavada por pesquisadores ainda nos dias atuais, já foram encontrados muitos fósseis.

CURIOSIDADES

- Matozinhos tem uma das maiores concentrações do mundo em termos de cavernas, de grutas e de pinturas rupestres e de sítios arqueológicos.
- Dos 5.570 municípios brasileiros, apenas cerca de oitenta possuem pinturas rupestres.
- Matozinhos é o quarto município do Brasil em quantidade de cavidades, o que indica sua importância no cenário espeleológico nacional.
- A região já forneceu mais de trezentos fósseis com mais de 8 mil anos para pesquisa.

É importante destacar que a Gruta do Ballet faz parte da Área de Proteção Ambiental Carste. Isso significa que se trata de uma área de formação calcária, provavelmente, um fundo de mar em um passado muito remoto, há cerca de 40 milhões de anos. O solo calcário se dissolve facilmente em contato com a água, principalmente em contato com ácido. Essa deposição sedimentar é que vai formando as cavidades, as grutas e cavernas. Para além do que vemos na superfície, há uma infinidade de canais subterrâneos condutores de água e que formam importantes reservas hídricas. As lagoas cársticas, como a Lagoa Bom Jardim, por exemplo, são espaços que demandam proteção muito cuidadosa e permanente, já que estão em contato direto com a água subterrânea.

Um importante pesquisador dinamarquês, que ficou conhecido como o pai da paleontologia no Brasil, foi Peter Lund. Ele veio para a região em 1833, e aqui viveu por mais de quarenta anos fazendo pesquisas em mais de oitocentas grutas locais. Lund realizou diversas pesquisas, gerando grande interesse na região por outros pesquisadores. A descoberta de vestígios do hominídio mais antigo da América Latina, o “Homem de Lagoa Santa”, foi um dos grandes marcos de sua pesquisa. Em 1970, seguindo a trajetória de Lund, a pesquisadora france-

sa Annette Laming Emperaire descobriu em Lapa Vermelha, Pedro Leopoldo, a partir de escavações, o crânio chamado de “Luzia”, que foi chamada “a primeira mulher da América”. Ainda hoje, diversos pesquisadores brasileiros seguem realizando pesquisas arqueológicas, paleontológicas e espeleológicas no território da APA Carste, com diversas descobertas preciosas.

APA CARSTE

Área de Proteção Ambiental - APA Carste de Lagoa Santa, foi criada pelo Decreto nº 98.881/de 25 de janeiro de 1990, e inclui áreas situadas nos municípios de Lagoa Santa, Matozinhos, Pedro Leopoldo e Funilândia, destinando-as à proteção e preservação das cavernas e demais formações cársticas, sítios arqueológicos e paleontológicos, além da cobertura vegetal e da fauna da região. Dentro da APA tem-se diversas Unidade de Conservação de Uso Sustentável e de Preservação, além de parques e monumentos naturais que são territórios também protegidos dentro desse território.

UNIDADES DE CONSERVAÇÃO

Tem-se dois tipos principais de Unidades de Conservação. As de Uso Sustentável e as de Proteção Integral. Um parque, por exemplo, é uma unidade de proteção integral que permite visitação controlada a partir do plano de manejo. Já a Fazenda Bom Jardim, faz parte de uma Unidade de Conservação de Uso Sustentável. Ou seja, é uma região em que o ser humano, com suas atividades econômicas, permanecem no lugar seguindo algumas regras rígidas. Esse modelo pode ser uma ferramenta importante para inspirar a convivência com esses patrimônios.

RPPN

A Reserva Particular de Patrimônio Natural da Fazenda Bom Jardim está dentro da APA Carste e foi criada em 1996 com objetivo de preservação da vida silvestre, preservação do patrimônio espeleológico, dos recursos hídricos, da fauna e da flora. Ela tem um uso mais restritivo do que a APA como um todo. Uma RPPN deve seguir, por exemplo, a Lei do SNUC (Sistema Nacional de Unidades de Conservação) nº 9.985, de 2000, que tem todas as orientações de como gerir esse tipo de espaço.

VOCÊ SABE A DIFERENÇA?

ARQUEOLOGIA

A Arqueologia é a ciência que estuda os restos mortais e materiais usados pelo homem. Pode ser dividida em Arqueologia Pré-Histórica e Arqueologia Histórica.

PALEONTOLOGIA

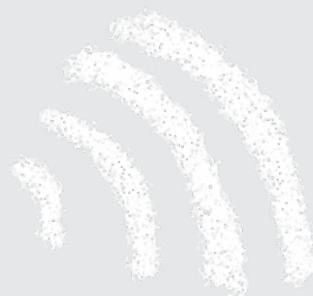
É a ciência natural que estuda a vida do passado da Terra e o seu desenvolvimento ao longo do tempo geológico, bem como os processos de integração da informação biológica no registro geológico, isto é, a formação dos fósseis: o estudo da vida antiga.

ESPELEOLOGIA

A Espeleologia é a ciência que estuda a topografia e as formas subterrâneas existentes nas rochas calcárias; é a ciência das grutas ou cavernas.²

² Informações da cartilha *Gruta do Ballet*, produzida pela empresa em ANO.

ATIVIDADE PROPOSTA



Para ter mais detalhes sobre a Fazenda Bom Jardim e a Gruta do Ballet e conhecer mais de perto esse território, faça a visita virtual ao espaço e conheça o documentário produzido por meio do endereço www.matozinhos.educacaopatrimonial.org.br.



05 TRAJETÓRIA DA EDUCAÇÃO PATRIMONIAL NO BRASIL

→ Trazemos aqui um breve recorte da trajetória da educação patrimonial no Brasil, destacando alguns dos marcos importantes nessa história.

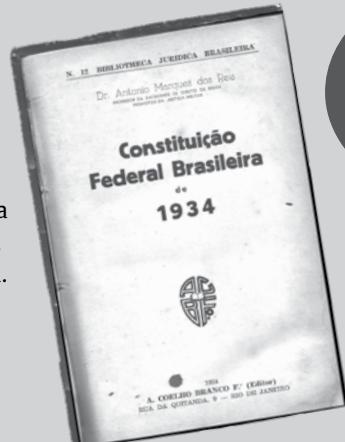


Fachada do prédio do Museu Nacional da UFRJ (Palácio Imperial de São Cristóvão), antigo Museu Real do Rio de Janeiro, localizado na Quinta da Boa Vista
Fonte: UFRJ Imagem.



Ilustração de Mário de Andrade do Caricaturista Eduardo Baptista
Fonte: Jornal USP

Fotografia de capa da Constituição de 1934
Fonte: Acervo Iphan.



SÉCULO XIX

1930

1934

EXPERIÊNCIAS PRECURSORAS DE EDUCAÇÃO PATRIMONIAL

A educação patrimonial já estava presente, embora não com esse nome, como parte da ação cotidiana de muitos museus (CHAGAS, 2013).

ANTEPROJETO DE MARIO DE ANDRADE

Anteprojeto para a criação do Serviço do Patrimônio Histórico Artístico Nacional (SPHAN), que apontava para a importância do caráter pedagógico dos museus e das imagens para as ações educativas.

CARTA MAGNA

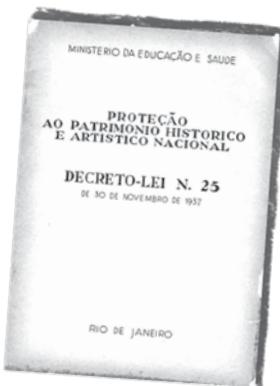
A Carta Magna também estabelecia os primeiros comandos constitucionais impondo a proteção do patrimônio cultural. Essas inovações constitucionais assentaram as bases para a criação de instrumentos legais capazes de garantir de maneira mais eficaz a preservação do patrimônio cultural brasileiro (MIRANDA, 2017).



1935

Ofício de entrega do plano de criação do Serviço do Patrimônio Histórico Artístico Nacional (SPHAN) por Mario de Andrade
Fonte: Acervo Iphan

Frontispício do
Decreto-lei n. 25, de 30
de novembro de 1937
Fonte: Acervo Iphan.



1937



Caricatura de Rodrigo
Melo Franco de Andrade
Fonte: Acervo Iphan

PRIMEIRO CONGRESSO BRASILEIRO DE PROTEÇÃO À NATUREZA

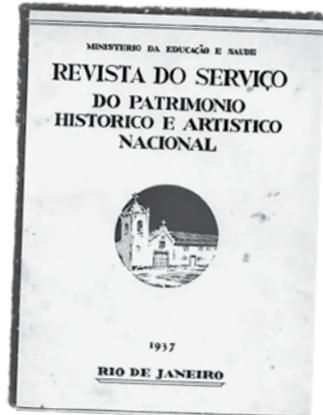
Realizado no Rio de Janeiro. Na ocasião é idealizada a criação de um serviço técnico especial de monumentos nacionais e o escritor Mário de Andrade, então diretor do Departamento de Cultura do Município de São Paulo, fica encarregado da elaboração de um plano de criação do SPHAN.

INSTITUIÇÃO DO SPHAN

O então presidente do Brasil, Getúlio Vargas, institui o SPHAN, com o objetivo de promover no território nacional o tombamento, a conservação e a divulgação do patrimônio cultural do país. Sanciona o Decreto-lei n. 25, no dia 20 de novembro, que organiza a proteção do Patrimônio Histórico e artístico nacional. O decreto ficou conhecido como a Lei do Tombamento e tinha como foco, especialmente, a proteção a bens materiais.

“Não se trata de empreendimento inspirado em motivos sentimentais ou românticos, nem, muito menos, de qualquer espécie de plano suntuário, do qual só se venham a aproveitar os sábios à cata de sinecuras excelentes. O que o projeto governamental tem em vista é poupar à Nação o prejuízo irreparável do perecimento e da evasão do que há de mais precioso no seu patrimônio.”

(Disponível aqui: <<https://www.conjur.com.br/2017-dez-09/ambiente-juridico-lei-tombamento-completa-80-anos-continua-atual#:~:text=N%C3%A3o%20se%20trata%20de%20empreendimento,%C3%A0%20cata%20de%20sinecuras%20excelentes>>)



Capa da primeira edição
da Revista do Patrimônio
Fonte: Acervo Iphan



Aloisio em reunião na Secretaria da Cultura
Foto: Autor desconhecido. Acervo Aloisio
Magalhães. Secretaria da Cultura, Fundação
Nacional Pró-Memória, Brasília, DF, 1982.

1979

PUBLICAÇÃO DA REVISTA DO PATRIMÔNIO

Durante muitos anos, foram publicados artigos e ensaios sobre o patrimônio nacional, arte e história, com a colaboração de inúmeros especialistas pertencentes aos quadros do Iphan e de outras instituições, como Rodrigo Melo Franco de Andrade, Lucio Costa, Mário de Andrade, Gilberto Freire, Joaquim Cardoso, Curt Nimuendaju e muitos outros. Tinha temas estéticos, históricos, antropológicos e sociológicos, com enfoque teórico e técnico.

CRIAÇÃO DA FUNDAÇÃO NACIONAL PRÓ-MEMÓRIA

Criada como um órgão público que funcionaria ao lado da SPHAN, até 1990, para dar maior dinamismo às políticas culturais voltadas para a preservação do patrimônio cultural. Aloísio Magalhães, à frente da Fundação, defendia que a população não fosse apenas alvo das ações relativas ao patrimônio, mas sujeitos chamados a participar. O lema era “a comunidade é a melhor guardiã de seu patrimônio”. A Fundação trabalhava com uma concepção mais ampliada de patrimônio, de cunho antropológico, e forneceu importantes subsídios para a redação dos artigos da Constituição Federal relativos ao reconhecimento dos patrimônios chamados imateriais.

PROJETO INTERAÇÃO

A Fundação Nacional Pró-Memória cria o projeto “Interação entre educação básica e os diferentes contextos culturais do país”, que buscava diminuir a distância entre a educação escolar e o cotidiano dos alunos, sustentando que a cultura e a educação são elementos indissociáveis. Esse projeto foi um marco para dar início ao que se chamaria posteriormente de educação patrimonial no Brasil.

Dinâmica de grupo em Recife, PE – Projeto Interação
Fotos: Tadeu Gonçalves.



Ilustrações de alunos em atividades promovidas pelo Projeto Interação
Fonte: Acervo Iphan.

1980

1983



Fachada do Museu Imperial, em Petrópolis (RJ)
Fonte: Museu Imperial

É CUNHADO OFICIALMENTE O TERMO “EDUCAÇÃO PATRIMONIAL”

O termo é oficializado durante o seminário realizado no Museu Imperial, em Petrópolis (RJ), sobre “O uso educacional de museus e monumentos”, que reuniu especialistas de várias áreas de formação e atuação de diversas regiões do Brasil. O conceito foi inspirado em métodos e experiências da Inglaterra, com utilização de museus e monumentos históricos com fins educacionais (HORTA, 1999).

“É importante considerar, ainda, que a metodologia “inaugurada” no Brasil em 1983 – e amplamente divulgada a partir da publicação do Guia, em 1999 – distanciou-se também das discussões fomentadas pelo Projeto Interação durante o final da década de 1970 e início de 1980, no âmbito das secretarias do MEC, assim como da concepção de educação integral que aproxima as práticas cotidianas dos conteúdos estudados nos setores da educação formal e não formal. É interessante notar como os marcos temporais aqui estabelecidos se intercruzam neste momento. O Projeto Interação, que trouxe diversas contribuições tanto para o campo da educação como da cultura e do patrimônio, esteve em vigor de 1981 a 1985, enquanto o seminário que “oficializou” a Educação Patrimonial no Brasil foi realizado em 1983. O que a história mostra é que nos anos 1980 ocorreram movimentos de caráter educativo que partiam de visões que poderíamos considerar como antagônicas. O interessante é que com o passar do tempo o Projeto Interação desaparece e a metodologia de EP se estende pelo país sendo amplamente divulgada através do Guia (BIONDO, 2016, p. 48-49).”

1988



Capa da Constituição da República Federativa do Brasil

RECONHECIMENTO DOS BENS IMATERIAIS

É promulgada a Constituição da República Federativa do Brasil, trazendo, no capítulo “Cultura”, o reconhecimento da existência de bens culturais de natureza material e imaterial e estabelecimento das formas de preservação desse patrimônio.

“Ao contrário do que ocorria em outras épocas, em que a escolha do que constituiria patrimônio cultural nacional era prerrogativa exclusiva de alguns técnicos da área, a Constituição Federal de 1988 incumbiu tanto ao Poder Público quanto à coletividade o direito-dever de promover e proteger o patrimônio cultural brasileiro (ALENCAR, 2017, p. 7).

Art. 216. Constituem patrimônio cultural brasileiro os bens de natureza material e imaterial, tomados individualmente ou em conjunto, portadores de referência à identidade, à ação, à memória dos diferentes grupos formadores da sociedade brasileira, nos quais se incluem:

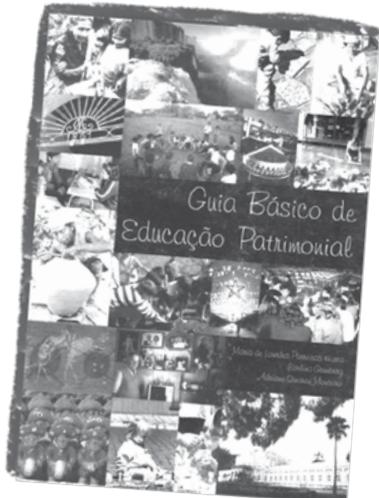
- I - as formas de expressão;
- II - os modos de criar, fazer e viver;
- III - as criações científicas, artísticas e tecnológicas;
- IV - as obras, objetos, documentos, edificações e demais espaços destinados às manifestações artístico-culturais;
- V - os conjuntos urbanos e sítios de valor histórico, paisagístico, artístico, arqueológico, paleontológico, ecológico e científico.

Artigo 216 § 1º - O Poder Público, com a colaboração da comunidade, promoverá e protegerá o patrimônio cultural brasileiro, por meio de inventários, registros, vigilância, tombamento e desapropriação, e de outras formas de acautelamento e preservação (BRASIL, 1990).”



1997

Logomarca dos PCN



1999

Capa do Guia básico de educação patrimonial
Fonte: Acervo Iphan

INSERÇÃO DA PLURALIDADE CULTURAL NOS PCN

Edição pelo MEC dos Parâmetros

Curriculares Nacionais (PCN) e Temas

Transversais, entre os quais consta

“pluralidade cultural”, que abriu espaço para uma atuação coordenada entre os ministérios da Educação e da Cultura.

“A Educação Patrimonial passa a ser entendida como eficaz em articular saberes diferenciados e diversificados, presentes nas disciplinas dos currículos dos níveis do ensino formal e, também no âmbito da educação não formal (TOLENTINO, 2012, p. 23).”

GUIA BÁSICO DE EDUCAÇÃO PATRIMONIAL

O Instituto de Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (IPHAN) publica o Guia básico de educação patrimonial (HORTA; GRUMBERG; MONTEIRO, 1999), que se tornou referência para o campo, à época. O guia propunha uma metodologia específica para a educação patrimonial. Anos depois, as ideias dessa cartilha foram revistas pelo próprio Iphan. O órgão ampliou suas abordagens para uma compreensão mais dialógica e participativa a respeito da educação patrimonial, que, posteriormente, passou a ser percebida não apenas como o fim de um processo de preservação e valorização, mas como parte constituinte dele.

“Ela (a educação patrimonial) deve dispor de várias metodologias para atingir seus propósitos, ao contrário da proposta do Guia básico de educação patrimonial (HORTA et al., 1999) de a educação patrimonial ser uma metodologia específica (DEMARCHI, 2015, p. 209).”



Ofício das Panelas de Goiabeiras (ES)
Fonte: Acervo Iphan.

2000

CRIAÇÃO DO REGISTRO DE BENS CULTURAIS DE NATUREZA IMATERIAL

É publicado o Decreto n. 3.551, que regulamentou o artigo 216 da Constituição Federal de 1988, instituindo o Registro de bens culturais de natureza imaterial como instrumento jurídico de reconhecimento e valorização desses bens. A partir desse marco, a proteção em torno do patrimônio imaterial recebeu maior atenção e o IPHAN passou a atuar com mais rigidez nesse segmento, se tornando responsável pela execução da política de salvaguarda para o patrimônio cultural imaterial em nível federal.



Preparação de Cuias
Fonte: Acervo Iphan.



Passistas de Frevo
Fonte: Acervo Iphan.

2002

INCORPORAÇÃO DA EP NOS LICENCIAMENTOS AMBIENTAIS

O IPHAN publica a Portaria n. 230, que incorporou nas etapas das pesquisas arqueológicas de licenciamentos ambientais para empreendimentos o campo da educação patrimonial.

2003



Convenção para a
Salvaguarda do Patrimônio
Imaterial da Unesco
Fonte: Acervo Iphan

2015

CONVENÇÃO PARA A SALVAGUARDA DA UNESCO

Aprovada a Convenção para a Salvaguarda do Patrimônio Imaterial da Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura (Unesco) que seria, em 2006, promulgada no Brasil pelo Decreto n. 5.753. A Lei detalhava a definição e as implicações da salvaguarda, apresentando as medidas práticas que visam garantir a viabilidade do Patrimônio Cultural Imaterial.

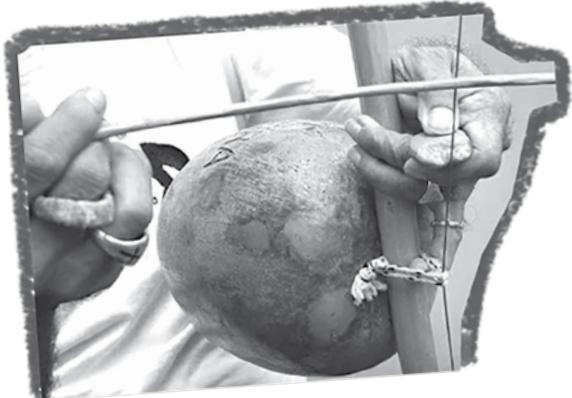
LEI DO ENSINO DA HISTÓRIA E CULTURA AFRO-BRASILEIRA

O então presidente, Luís Inácio Lula da Silva, promulga a Lei n. 10.639/2003 (alterada pela Lei n. 11.645/2008), que tornou obrigatório o ensino da história e cultura afro-brasileira e africana em todas as escolas, públicas e particulares, do ensino fundamental até o ensino médio.

REGULAMENTAÇÃO DOS PROCEDIMENTOS DE SALVAGUARDA

Promulgada a Portaria Iphan n. 299, que dispõe sobre os procedimentos para a execução de ações e planos de salvaguarda para Bens Registrados como Patrimônio Cultural do Brasil no âmbito do órgão.

2021



Capoeirista tocando berimbau
Foto: Acervo Iphan.

SITUAÇÃO DOS REGISTROS E TOMBAMENTOS ATUALMENTE

Até a data haviam sido registrados e publicados no Iphan 1.198 bens materiais e 48 bens imateriais que se distribuem pelos estados brasileiros e Distrito Federal. A Roda de Capoeira e o Ofício dos Mestres de Capoeira têm abrangência nacional e estão presentes em todo o país.

“[...] pensar em patrimônio agora é pensar com transcendência, além das paredes, além dos quintais, além das fronteiras. É incluir as gentes. Os costumes, os sabores, os saberes. Não mais somente as edificações históricas, os sítios de pedra e cal. Patrimônio também é o suor, o sonho, o som, a dança, o jeito, a ginga, a energia vital, e todas as formas de espiritualidade de nossa gente. O intangível, o imaterial (GIL apud FLORÊNCIO, 2015, p. 25).”

RECURSOS COMPLEMENTARES

→ VÍDEO: TRAJETÓRIA DA EDUCAÇÃO PATRIMONIAL NO BRASIL

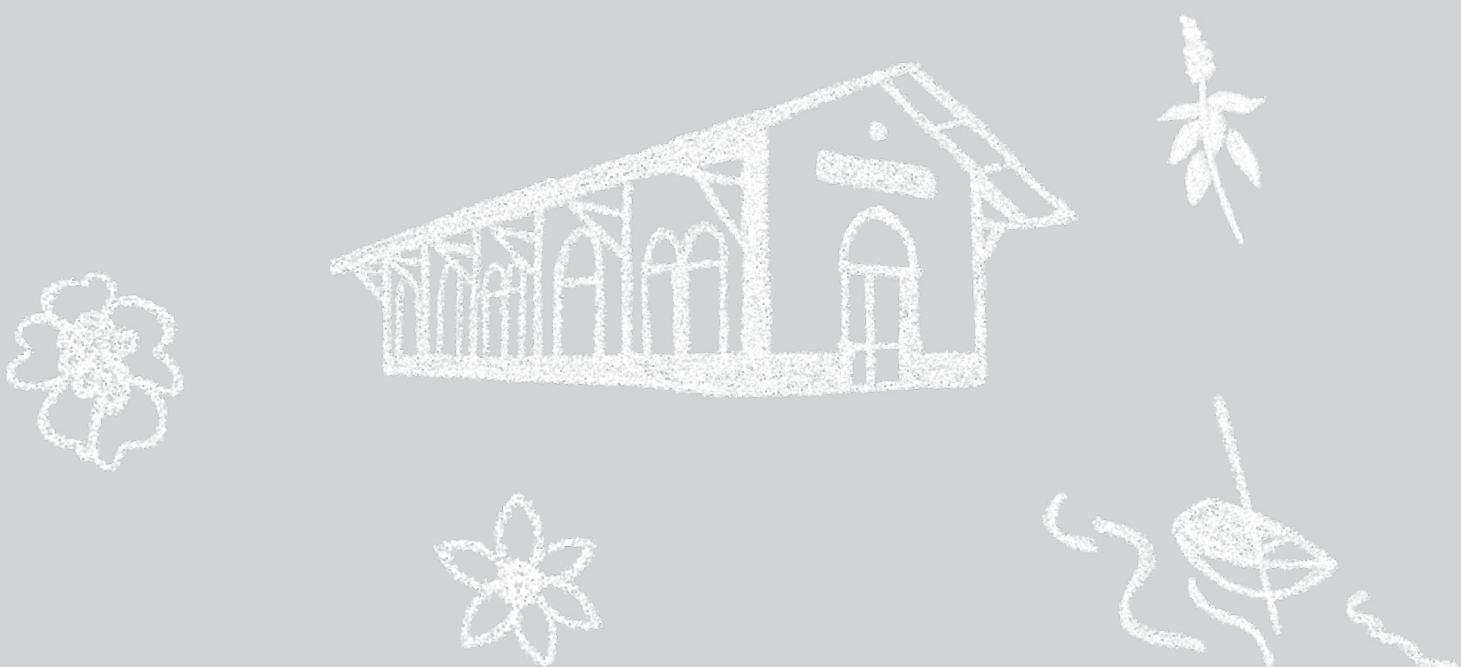
bit.ly/trajetoriaeducacaopatrimonial



06 ORIENTAÇÕES PARA PLANOS DE AULA

Sugestões de quatro Orientações para Planos de Aula (OPAs) para estudantes do 4º ao 7º anos do ensino fundamental. Lembrando que esses planos são referências que podem ser adaptadas, reinventadas e utilizadas da maneira que achar que faz mais sentido dentro da sua realidade, ou podem mesmo ser refeitos para outros anos de ensino.

- Ciências Humanas: Elaboração de memorial
- Linguagens: Conhecendo a lenda de Babuca
- Ciências da Natureza: Conhecendo e preservando o carste
- Ciências Exatas: Portfólio da Geometria da Gruta do Ballet



ANEXO

COMPILADO DE PATRIMÔNIOS RECONHECIDOS EM MATOZINHOS A NÍVEL FEDERAL, ESTADUAL E MUNICIPAL

TOMBADOS PELO IPHAN

As manifestações culturais mapeadas e registradas pelo IPHAN estão divididas nos livros de tombo e registro, ambos compõem o acervo do arquivo central da instituição. Cada um dos materiais registra diferentes tipos de bens. O patrimônio material como os registros arqueológicos, históricos, paisagísticos e artísticos ficam registrados nos Livros do Tombo. Já o patrimônio imaterial, como as celebrações, saberes e outras manifestações culturais, é listado no Livro de Registros. Para encontrar os bens materiais tombados, é preciso acessar o arquivo Noronha Santos, já o acervo dos bens imateriais fica registrado no próprio site do IPHAN. A partir dessa pesquisa, foram identificados os seguintes bens materiais e imateriais no município de Matozinhos e no distrito de Mocambeiro.

LAPA DA CERCA GRANDE

Um grande maciço de calcário na região do rio das Velhas, a Lapa da Cerca Grande abriga centenas de desenhos rupestres. Localizado em Mocambeiro, distrito de Matozinhos, em 1962 o local foi tombado e inscrito pelo IPHAN no Livro do Tombo Arqueológico, Etnográfico e Paisagístico. A Lapa da Cerca Grande foi visitada em 1837 por Peter Wilhelm Lund, naturalista dinamarquês considerado o pai da paleontologia e arqueologia no Brasil. No local, o naturalista também encontrou restos de animais extintos.



PAREDÃO DE CERCA GRANDE -

MATOZINHOS (MG)

FONTE: IPHAN



As espécies são do período geológico do Pleistoceno, que é uma das fases do período Quaternário. Uma das grutas que faz parte da Lapa possui cerca de 100 desenhos rupestres, que apresentam os animais existentes na época e cenas de caça.

GRAFISMO RUPESTRE DE CERCA GRANDE –

MATOZINHOS (MG)

FONTE: IPHAN

Além da Lapa da Cerca Grande, Matozinhos abriga diversos sítios arqueológicos. Até mesmo os sítios desconhecidos são protegidos por lei e considerados como bens da União. Qualquer descaracterização ou destruição desses locais são considerados crimes. De acordo com o IPHAN, o estado de Minas Gerais possui mais de 2500 sítios arqueológicos pré-coloniais cadastrados. Um dos vestígios mais importantes encontrados no estado foi o esqueleto de Luzia, que possui cerca de 11500 anos. Ela foi encontrada em 1975 no estado, durante escavações realizadas pela Mission Archéologique Française. No Cadastro Nacional de Sítios Arqueológicos (CNSA) o município de Matozinhos possui 37 sítios arqueológicos cadastrados. Desses locais, 25 são datados como período pré-colonial, como por exemplo, o sítio Janelas de Cerca Grande e Lapa do Bal-let. Também na lista, há um sítio registrado como histórico, o Pasto do Topo.

Confira, a seguir, a lista³ de sítios arqueológicos registrados em Matozinhos

- | | |
|------------------------------|-----------------------------|
| → 1 Abrigo da Mata da Cauaia | → 9 Cerca Grande VI |
| → 2 Abrigo de Caieiras | → 10 Cerca Grande VII |
| → 3 Açude do Barbosa | → 11 Riacho Dantas |
| → 4 Cerca Grande I | → 12 Criciúma I e II |
| → 5 Cerca Grande II | → 13 Experiência da Jaguara |
| → 6 Cerca Grande III | → 14 Gruta de Caieiras |
| → 7 Janelas de Cerca Grande | → 15 João Bárbara |
| → 8 Cerca Grande V | |

- 16 Julião
- 28 Vargem da Pedra
- 17 Lapa do Ballet
- 29 Lapa das Boleiras
- 18 Lapa do Caetano
- 30 Santo Antônio do Mocambo
- 19 Mandiocal
- 31 Lapa do Ouro
- 20 Peri-Peri
- 32 Quintalinho
- 21 Poções I
- 33 Lapa do Chapéu
- 22 Poções IIb
- 34 Sumidouro da Varginha da
- 23 Poções III
- Cauaia
- 24 Porco Preto
- 35 Cainhangá
- 25 Salitre (Caianga)
- 36 Poções IIa
- 26 Santo Antônio II
- 37 Pasto do Topo
- 27 Vargem Formosa

REGISTRADOS PELO IPHAN

Além dos bens materiais, o IPHAN também faz o registro de bens culturais de natureza imaterial. Esses bens estão ligados a práticas e domínios da vida social, que envolve ofícios, formas de realizar certas atividades, celebrações e outras formas de expressão. Para realizar esse registros, os bens são divididos em livros de registros em que cada um corresponde a uma tradição. Na instituição, há quatro livros de registros que dizem respeito aos saberes, celebrações, formas de expressão e lugares. No estado de Minas Gerais, por exemplo, um dos saberes registrados pelo IPHAN é o modo artesanal de fazer Queijo de Minas, nas regiões do Serro e das Serras da Canastra e do Salitre.

Em relação ao município de Matozinhos, não há registros de bens imateriais ligados à cidade ou ao distrito de Mocambeiro. Apesar disso, o Congado, também conhecido como Congada, que está em processo de registro pelo IPHAN, é uma manifestação cultural presente no município e no distrito de Mocambeiro. A manifestação cultural Congado envolve a devoção de santos católicos, como Nossa Senhora do Rosário e São Benedito. De acordo com o Instituto, assim como outras manifestações religiosas do Brasil, essa tradição possui relação com a religiosidade africana.



TOMBADOS PELO IEPHA

→1 CONJUNTO ARQUITETÔNICO E PAISAGÍSTICO DA FAZENDA DA JAGUARA



CONJUNTO ARQUITETÔNICO E PAISAGÍSTICO DA FAZENDA

DA JAGUARA – MATOZINHOS/MG (FOTO: IEPHA/MG)

Local inscrito em dois livros de tombamento estadual, o Conjunto Arquitetônico e Paisagístico da Fazenda da Jaguara foi homologado em 12 de janeiro de 1996. O local está inscrito nos seguintes registros de tombamento: o livro do Tombo I – Arqueológico, Etnográfico e Paisagístico – e III – Histórico, das obras de Arte Históricas e dos Documentos Paleográficos ou Bibliográficos. O Conjunto Arquitetônico e Paisagístico da Fazenda da Jaguara possui as seguintes instala-

ções: uma casa sede, capela em ruínas, “casa junta”, galpões de maquinários, moinho e porto. A construção da Fazenda é datada do começo do século XVIII, período em que existia um grande fluxo de naveabilidade no Rio das Velhas.

Nesse período, o rio representava um empório rural e fluvial importante para o estado de Minas Gerais. No ano de 1787, a Rainha do Reino Unido de Portugal, Brasil e Algarves, D. Maria I, decretou o “Vínculo da Jaguara”, composto por oito fazendas inalienáveis (a sede era a Fazenda da Jaguara) impondo a reversão de 80% dos lucros para ações benficiares. Em 1860, após a morte da rainha, o vínculo foi extinto. No segundo quartel do século XX, a Fazenda foi adquirida pelo engenheiro inglês George Chalmers, que era diretor da Mina de Morro Velho. Durante esse período, parte dos imóveis foram destruídos e o acervo artístico do local foi vendido e doado. O engenheiro também efetuou mudanças na estrutura do local, como o acréscimo na casa sede.

Uma das construções que chama atenção no local são as ruínas da Capela de Nossa Senhora da Conceição, construída na década de 1780. Com proporções de uma matriz paroquial, a igreja possui duas torres sineiras e alvenaria de pedras. Parte do acervo, que envolve peças sacras, mobiliário da capela, altares e o retábulo-mor, estão distribuídos em outras igrejas da região. No conjun-

to, é possível perceber alguns sinais dessas transformações na estrutura local. Na casa sede, por exemplo, é possível observar que a construção aconteceu a partir de etapas, pois há diferenças e desniveis no piso, vãos e acréscimos no telhado. As ruínas da igreja estão encostadas em peças metálicas. Edificações como as casas de empregados, senzalas, armazéns, paiol, engenhos e rancho de tropas foram arruinadas ou demolidas.

→ 2 CONJUNTO ARQUEOLÓGICO E PAISAGÍSTICO DOS POÇÕES

Inserido na Região Cárstica de Lagoa Santa, o Conjunto Arqueológico e Paisagístico dos Poções possui seis sítios espeleológicos, dois paleontológicos e nove arqueológicos. No ano de 1996, o tombamento estadual foi aprovado.

O conjunto está inscrito em três livros diferentes: o Livro do Tombo Arqueológico, Etnográfico e Paisagístico; no Livro do Tombo Histórico, das obras de Artes Históricas e dos Documentos Paleográficos ou Bibliográficos; e, por último, no Livro do Tombo das Artes Aplicadas.

A Região Cárstica de Lagoa Santa é dividida em quatro compartimentos:

- 1- desfiladeiros e abismos com altos paredões;
- 2- cinturão de grandes depressões (valas);
- 3- planalto de pequenas depressões (dolinas);
- 4- planícies cársticas ou poliés.

O primeiro compartimento está na área de Poções com seus grandes paredões, cânions e sumidouros. Na área de Poções encontram-se o Canyon do Morro Redondo, o Campo de Dolinas e o desfiladeiro de Poções. O local também abriga as Grutas do Morro Redondo e dos Estudantes.

Na área tombada encontram-se os seguintes sítios arqueológicos: 1- Lapa do Ouro; 2- Abrigo dos Poções; 3- Poções III; 4- Lapa do Chapéu; 5- Lapa do Ballet; 6- Lapa do Porco Preto; 7- Sítio do Porco Preto; 8- Sítio Cerâmico.



CONJUNTO ARQUEOLÓGICO E
PAISAGÍSTICO DOS POÇÕES
(FOTO: IEPHA/MG)

REGISTRADOS PELO IEPHA

Com o intuito de inscrever manifestações culturais imateriais, o processo de registro do IEPHA envolve tradições que fazem parte da cultura do estado. Em Matozinhos e Mocambeiro, uma das manifestações culturais registradas como patrimônio cultural do estado são as Folias de Minas. Em janeiro de 2017, as Folias de Minas Gerais foram registradas como manifestações culturais-religiosas. Em Matozinhos e no distrito de Mocambeiro, três folias são registradas pelo órgão, ambas devotas aos Santos Reis.

FOLIA DE REIS DE MATOZINHOS, FOLIA DE SANTOS REIS DE MOCAMBEIRO

E O GRUPO DE FOLIA DE SANTOS REIS DE MATOZINHOS

A Folia de Reis de Matozinhos acontece no bairro Bom Jesus e possui cerca de 25 integrantes, de acordo com o cadastro no IEPHA-MG. O itinerário da folia começa no dia 24 de Dezembro e segue até o início de Janeiro. A folia é composta por Reis, Bandeira/Estandarte, Vozes, Mestre e Fiscais. Os instrumentos usados são a viola, violão, a caixa (que é o tambor) e o pandeiro. Já a Folia de Santos Reis de Mocambeiro acontece no distrito e, ao todo, possui 40 membros. Nessa festa, os integrantes são os Reis, Bandeira/Estandarte, Vozes e Mestre. Diferente da folia de Matozinhos, eles utilizam o cavaquinho, a viola e a caixa (Tambor). As festividades começam no dia 24 de dezembro e vão até o dia 14 de janeiro. O Grupo de Folia de Santos Reis de Matozinhos possui 45 integrantes. A festa é composta pelos Reis, Bandeira/Estandarte e Vozes. O grupo utiliza como instrumento a Viola, Cavaquinho, Sanfona, Caixa (Tambor), Bengalas, violinos e bandolins. Com uma jornada mais longa, a folia começa no dia 24 de dezembro e segue até dia 02 de fevereiro.



FOLIA DE SANTOS REIS DE MOCAMBEIRO

(FOTO: ARQUIVO PESSOAL DO GRUPO)



FOLIA DE SANTOS REIS DE MATOZINHOS

(FOTO: ARQUIVO PESSOAL DO GRUPO)

NO INVENTÁRIO DE PROTEÇÃO DO ACERVO CULTURAL ESTADUAL

A partir da atuação do Inventários de Proteção do Acervo Cultural no cadastro e registro de bens materiais e imateriais, o município de Matozinhos e o distrito de Mocambeiro possuem dois bens culturais inventariados. As manifestações culturais e bens levantados pelo o IPAC são:

- 1 Setor arquitetônico do bairro Estação
- 2 Guarda de Congo de Nossa Senhora do Rosário do Cruzeiro de Matozinhos.

TOMBADOS PELO MUNICÍPIO

Além das instituições federais e estaduais, a administração dos municípios brasileiros é capaz de desenvolver projetos voltados para proteção e preservação de bens culturais da cidade. Para isso, a cidade pode desenvolver decretos que visam a proteção da cultura material e imaterial da cidade.

Matozinhos e o distrito de Mocambeiro possuem bens tombados a partir do ano de 2001. Esses patrimônios municipais são protegidos e amparados pela administração municipal da cidade.

BEM TOMBADO	PROTEÇÃO	ANO
Acervo da Guarda de Congado de Nossa Senhora do Rosário do bairro Cruzeiro	Municipal	2001
Estação Ferroviária de Matozinhos - Estação da Estrada de Ferro Central do Brasil	Municipal	2002



**GUARDA DE CONGADO DE NOSSA SENHORA DO ROSÁRIO
DO BAIRRO CRUZEIRO (FOTO: ARQUIVO PESSOAL DO
GRUPO/REPRODUÇÃO/FACEBOOK)**



**ESTAÇÃO FERROVIÁRIA DE MATOZINHOS, 1998.
(FOTO: ARQUIVO PALÁCIO DA CULTURA)**

RECURSOS COMPLEMENTARES:

- Site do IPHAN: <http://portal.iphan.gov.br/>
- Site do Iepha: <http://www.iepha.mg.gov.br/>
- Site da Prefeitura de Matozinhos: <https://www.matozinhos.mg.gov.br/>

INVENTARIADOS PELO MUNICÍPIO

No município de Matozinhos, há diversas leis e decretos voltados para o patrimônio cultural. A lei nº 1.566 relaciona a criação do conselho voltado para patrimônio da cidade, a regulamentação do Conselho, estabelecida pelo decreto nº 2.650. O regimento interno do Conselho, previsto no decreto nº 1.722, além do decreto nº 2.651, ligado à nomeação dos Conselheiros/Termo de Posse.

Na cidade, os bens culturais inventariados são divididos em quatro setores:

- SETOR 1 – Setor Núcleo Original do Distrito Sede
- SETOR 2 – Setor Arquitetônico da Estação
- SETOR 3 – Zona Urbana e Periférica e semi-urbana do Distrito Sede
- SETOR 4 – Distrito Sede de Mocambeiro/Vargem da Pedra

Em cada setor, os bens são categorizados em do ano do inventário, o número de cada item e a natureza do patrimônio. Cada item inventariado pelo município pode pertencer às seguintes categorias:

- Estrutura Arquitetônica
- Bens Móveis e Bens Integrados
- Arquivos
- Patrimônio de Natureza Imaterial
- Sítios Naturais
- Patrimônio Arqueológico

Confira, a seguir, a lista dos bens dividida por setores, natureza do bem, número de itens e o ano de inventário.

SETOR 1 – SETOR NÚCLEO ORIGINAL DO DISTRITO SEDE

ITEM	BEM CULTURAL	CATEGORIA	ANO DO INVENTÁRIO
01	Santuário do Senhor Bom Jesus	Estrutura Arquitetônica	2007
02	Imagen de Nossa Senhora das Dores	Bens Móveis e Bens Integrados	2007
03	Imagen do Senhor dos Passos	Bens Móveis e Bens Integrados	2007
04	Imagen do Senhor Bom Jesus	Bens Móveis e Bens Integrados	2007
05	Cruz Processional	Bens Móveis e Bens Integrados	2007
06	Crucifixo	Bens Móveis e Bens Integrados	2007
07	Imagen de São Francisco das Chagas	Bens Móveis e Bens Integrados	2007
08	Capela de São José	Estrutura Arquitetônica	2007
09	Capela do Rosário	Estrutura Arquitetônica	2007
10	Residência (Vanderlei Delegado)	Estrutura Arquitetônica	2007

ITEM	BEM CULTURAL	CATEGORIA	ANO DO INVENTÁRIO
11	Residência (Sr. Rui da Silva)	Estrutura Arquitetônica	2007
12	Imóvel Comercial (Victor Contabilidade)	Estrutura Arquitetônica	2007
13	Residência (Sr. Paulo Alves)	Estrutura Arquitetônica	2007
14	Residência (Sr. Mauricio Guimarães)	Estrutura Arquitetônica	2007
15	Residência (Espólio Família Pezzini)	Estrutura Arquitetônica	2007
16	Imóvel Comercial e Residência (Sr. Davi Padeiro)	Estrutura Arquitetônica	2007
17	Residência (Sr. Ivair G. Catatino)	Estrutura Arquitetônica	2007
18	Coroa da Rainha Conga – Cruzeiro	Bens Móveis e Bens Integrados	2007
19	Coroa do Rei Congo – Cruzeiro	Bens Móveis e Bens Integrados	2007
20	Bastão do Rei Congo – Cruzeiro	Bens Móveis e Bens Integrados	2007

ITEM	BEM CULTURAL	CATEGORIA	ANO DO INVENTÁRIO
21	Jabumbas do Candombe - Cruzeiro	Bens Móveis e Bens Integrados	2007
22	Livros de Tombos e Batisté- rio da Paróquia do Sr. Bom Jesus de Matozinhos	Arquivos	2007
23	Praça Bom Jesus	Estrutura Arqui- tetônica	2008
24	Residência (Celse Alves)	Estrutura Arqui- tetônica	2008
25	Residência (Dona Duca)	Estrutura Arqui- tetônica	2008
26	Residência (Clever Bahia)	Estrutura Arqui- tetônica	2008
27	Guarda de Congo de Nsa. do Rosário - Cruzeiro	Patrimônio de Natureza Ima- terial	2008
28	Festa de Nossa Senhora do Rosário – Cruzeiro	Patrimônio de Natureza Ima- terial	2008
29	Banda Sagrado Coração de Jesus	Patrimônio de Natureza Ima- terial	2008

ITEM	BEM CULTURAL	CATEGORIA	ANO DO INVENTÁRIO
30	Jubileu do Sr. Bom Jesus	Patrimônio de Natureza Ima- terial	2008

SETOR 2 – SETOR ARQUITETÔNICO DA ESTAÇÃO

ITEM	BEM CULTURAL	CATEGORIA	ANO DO INVENTÁRIO
31	Residência (D. Conceição Vieira)	Estrutura Ar- quitetônica	2008
32	Residência (Casa das Irmãs Vieira)	Estrutura Ar- quitetônica	2008
33	Residência (Romeu Avelar)	Estrutura Ar- quitetônica	2008
34	Imóvel Comercial (Elian)	Estrutura Ar- quitetônica	2008
35	Residência/Comércio	Estrutura Ar- quitetônica	2008
36	Residência/Comércio (Casa de Neide Pereira)	Estrutura Ar- quitetônica	2008
37	Galpão/Velório	Estrutura Ar- quitetônica	2008

ITEM	BEM CULTURAL	CATEGORIA	ANO DO INVENTÁRIO
38	Estação Ferroviária	Estrutura Arquitetônica	2008
39	Residência (Casa de Geraldo Miranda)	Estrutura Arquitetônica	2008
40	Residência	Estrutura Arquitetônica	2008
41	Fazenda da Chácara	Estrutura Arquitetônica	2008
42	Cruzeiro da Fazenda da Chácara	Bens Móveis e Bens Integrais	2008
43	Antiga Usina de Açúcar	Estrutura Arquitetônica	2008

SETOR 3 – ZONA URBANA E PERIFÉRICA E SEMI-URBANA DO DISTRITO SEDE

ITEM	BEM CULTURAL	CATEGORIA	ANO DO INVENTÁRIO
44	Fazenda da Braúna	Estrutura Arquitetônica	2009
45	Fazenda da Floresta	Estrutura Arquitetônica	2009

ITEM	BEM CULTURAL	CATEGORIA	ANO DO INVENTÁRIO
46	Fazenda das Porteiras	Estrutura Arquitetônica	2009
47	Fazenda Pedro Alves ou Fazenda do Hugo	Estrutura Arquitetônica	2009
48	Gruta da Faustina	Sítios Naturais	2009
49	Gruta dos Cristais	Sítios Naturais	2009
50	Gruta Irmãos Piriás	Sítios Naturais	2009
51	Sítio Arqueológico Lapa das Boleiras	Patrimônio Arqueológico	2009
52	Sítio Histórico da Babuca	Sítios Naturais	2009
53	Ruínas da Senzala	Estrutura Arquitetônica	2009

SETOR 4 – DISTRITO SEDE DE MOCAMBEIRO/VARGEM DA PEDRA

ITEM	BEM CULTURAL	CATEGORIA	ANO DO INVENTÁRIO
54	Residência (Casa de Geraldo Siríaco)	Estrutura Arquitetônica	2010
55	Residência (Casa de Tia Nizinha)	Estrutura Arquitetônica	2010

ITEM	BEM CULTURAL	CATEGORIA	ANO DO INVENTÁRIO
56	Residência (Casa do Sr. Alfredo)	Estrutura Arquitetônica	2010
57	Residência (Casa do Sr. Antônio Sinval)	Estrutura Arquitetônica	2010
58	Residência (Casa de D. Francisca)	Estrutura Arquitetônica	2010
59	Praça Santo Antônio	Estrutura Arquitetônica	2010
60	Cruzeiro de Mocambeiro	Bens Móveis e Bens Integrados	2010
61	Guarda de N. Sra. do Rosário - Mocambeiro	Patrimônio de Natureza Imaterial	2010
62	Festa de N. Sra. do Rosário - Mocambeiro	Patrimônio de Natureza Imaterial	2010
63	Folia de Santos Reis de Mocambeiro	Patrimônio de Natureza Imaterial	2010
64	Monumento Natural Estadual Vargem da Pedra	Sítios Naturais	2010

ITEM	BEM CULTURAL	CATEGORIA	ANO DO INVENTÁRIO
65	Fluminense Futebol Clube	Patrimônio de Natureza Imaterial	2011
66	Candombe de Mocambeiro	Patrimônio de Natureza Imaterial	2011
67	Boi da Manta de Mocambeiro	Patrimônio de Natureza Imaterial	2011
68	Máscaras da Folia de Reis de Mocambeiro	Bens Móveis e Bens Integrados	2011
69	Tambores do Candombe	Bens Móveis e Bens Integrados	2011
70	Coroa da Rainha Conga – Mocambeiro	Bens Móveis e Bens Integrados	2011
71	Coroa do Rei Congo – Mocambeiro	Bens Móveis e Bens Integrados	2011
72	Caixa do Congado	Bens Móveis e Bens Integrados	2011
73	Tamborins do Congado	Bens Móveis e Bens Integrados	2011
74	Bandeiras do Divino e São Sebastião	Bens Móveis e Bens Integrados	2011

REFERÊNCIAS

Além das referências a seguir descritas, é importante destacar que este conteúdo também foi produzido com base em entrevistas generosamente cedidas pelo ambientalista Procópio de Castro e pelo engenheiro ambiental da Cimento Nacional José Duarte, além de conteúdos e materiais cedidos por João Pezzini.

ALENCAR, Rívia Ryker Bandeira de. **Salvaguarda de bens registrados: patrimônio cultural do Brasil: apoio e fomento.** Brasília, IPHAN, 2017.

BAETA, Alenice; PILÓ, Hernique. **A antiga fazenda Bom Jardim do Visconde do Rio das Velhas: arqueologia histórica na APA Carste Lagoa Santa.** Fundação Educacional Benito Gonçalves, 2017.

BRASIL. Ministério da Educação. Secretaria Executiva. Secretaria de Educação Básica. Conselho Nacional de Educação – UNDIME. **Base nacional comum curricular.** Brasília (DF): MEC, 2017. Disponível em: <<http://basenacionalcomum.mec.gov.br/abase>>. Acesso em: 16 set. 2021.

CORALINA, Cora. A escola da mestra Silvina. In: _____. **Poema dos becos de Goiás e estórias mais.** 23. ed. São Paulo: Global. p. 61.

COSTA, Evando José. **Congado:** sua trajetória no distrito de Mocambeiro, Matinhos, MG. Faculdades Pedro Leopoldo, ISE – Instituto Superior de Educação, 2006.

CRH. *Cartilha Gruta do Ballet*, ano.

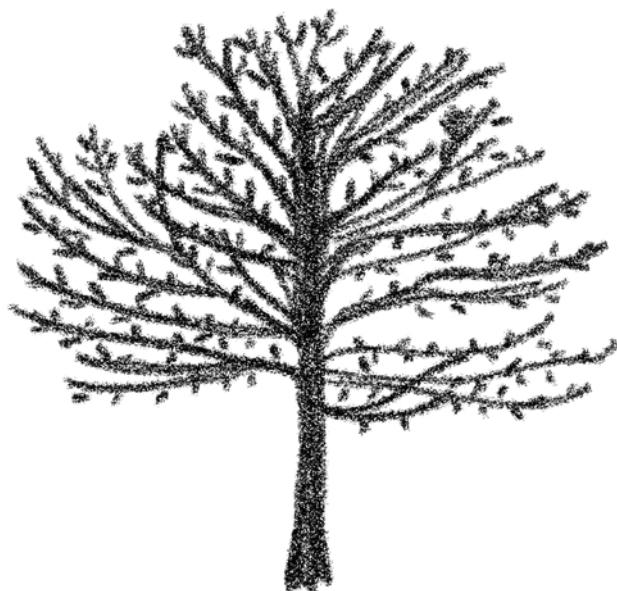
FLORÊNCIO, Sônia Rampim. **Educação patrimonial é aprender com o mundo e a cultura que construímos.** Entrevista concedida a Pedro Ribeiro Nogueira. Portal do Aprendiz, 2015. Disponível em: <<https://portal.aprendiz.uol.com.br/2015/07/07/educacao-patrimonial-e-aprender-com-o-mundo-e-a-cultura-que-construimos/#:~:text=%E2%80%9CTodo%20lugar%20tem%20cultura%2C%20todo,jeito%20certo%E2%80%9D%2C%20conclui%20Flor%C3%AAncio>>. Acesso em: 21 abr. 2021.

INSTITUTO DO PATRIMONIO HISTÓRICO E ARTÍSTICO NACIONAL – IPHAN. **Educação patrimonial:** histórico, conceitos e processos. Brasília, DF: Iphan, 2014. Disponível em: <http://portal.iphan.gov.br/uploads/publicacao/EduPat_EducacaoPatrimonial_m.pdf>. Acesso em: 10 maio 2021.

MOLL, Jaqueline. Um paradigma contemporâneo para a Educação Integral. **Pá-
tio**: Revista Pedagógica, Porto Alegre, v. 8, n. 51, ago.-out. 2009.

PEZZINI, João. **100 anos de Brasil**. Publicação própria, Matozinhos, MG, 2000.

TOLENTINO, Atila Bezerra. **Educação patrimonial: reflexões e práticas**. Su-
perintendência do Iphan da Paraíba. João Pessoa, 2012. Disponível em:
https://issuu.com/daniellalira/docs/caderno_tem_tico_02_baixa_resolu_o?viewMode=doublePage. Acesso em: 23 ago. 2021.



CIÊNCIAS HUMANAS

ELABORAÇÃO DE MEMORIAL

RESUMO

1. Reflexão individual das trajetórias de cada estudante a partir de perguntas disparadoras.
2. Elaboração de uma narrativa autobiográfica em formato de memorial.

OBJETIVOS

A atividade tem como objetivo possibilitar que os estudantes criem uma narrativa autobiográfica. A proposta é dar espaço para uma reflexão que os mobilize em suas tomadas de consciência sobre si mesmos e permita emergir conhecimentos de si em suas dimensões intuitivas, pessoais, sociais e políticas. Pretende-se que a partir da elaboração do memorial se desencadeie uma série de reflexões, do particular (cada trajetória em suas especificidades) para o geral (relação com os outros, com a família, com a escola e o entorno).

COMPETÊNCIAS DA BNCC

1. Compreender a si e ao outro como identidades diferentes, de forma a exercitar o respeito à diferença em uma sociedade plural e promover os direitos humanos.
2. Interpretar e expressar sentimentos, crenças e dúvidas com relação a si mesmo, aos outros e às diferentes culturas, com base nos instrumentos de investigação das ciências humanas, promovendo o acolhimento e a valorização da diversidade de indivíduos e de grupos sociais, seus saberes, identidades, culturas e potencialidades, sem preconceitos de qualquer natureza.

ORGANIZAÇÃO DA TURMA A atividade poderá ser realizada em formato presencial ou remoto, a partir de pequenas adaptações. Serão realizadas atividades de maneira individual, com posterior compartilhamento coletivo.

RECURSOS E PROVIMENTOS Materiais multimídia: Videoaula “Colagem e ilustração”, disponível em: bit.ly/colagemeilustracao.

Materiais de trabalho: Cola branca, tesoura, lápis, caneta, giz de cera, linha, tecido, agulha, papéis e embalagens diversas, fotografias, papel vegetal ou papel de seda, flores, papéis de revista e recorte, etc.

DURAÇÃO PREVISTA 2 aulas.

AULA 1

- 1— Na aula anterior a esta atividade, peça aos estudantes que levem de casa algum objeto que tenha valor simbólico e afetivo e que ajude a contar um pouco da história de cada um. Um objeto que os represente em alguma medida. Pode ser uma fotografia, um brinquedo, algum instrumento, enfim, qualquer objeto que conte alguma história significativa para eles.
- 2— Inicie a aula propondo, então, uma roda de conversa com os estudantes sobre esses objetos e que histórias eles contam. Caso a atividade seja realizada em formato remoto e não seja possível um encontro pessoalmente com os estudantes, é possível realizar essa roda a partir de troca de mensagens em grupos de WhatsApp, por exemplo.
- 3— Após a roda de conversa sobre os objetos biográficos, explique aos estudantes a proposta de criar memoriais individuais: um painel que apresente um pouco da história de cada um e que os ajude a refletir mais sobre quem são. Explique que esta atividade começa nesta aula, mas que será finalizada na aula seguinte.
- 4— Convide, então, os estudantes a fazerem um exercício inicial de chuva de ideias. Peça que anotem em um caderno algumas ideias a partir de perguntas disparadoras. Deixamos a seguir algumas, que podem ser alteradas, adaptadas ou selecionadas a partir do que você entender que faz mais sentido para a sua turma.

SUGESTÕES DE PERGUNTAS DISPARADORAS:

- Quem sou? Qual o meu nome? Por que tenho esse nome?
- Onde posso pesquisar sobre a minha história? Em que documentos? Por meio de entrevistas? Com quem?
- Como eu era quando criança pequena? O que gostava de fazer?
- Onde nasci? Onde meus pais nasceram? Por que eu moro onde eu moro?
- Como posso representar o lugar onde moro? Eu gostaria de morar em outro lugar? Qual?
- Minha casa, como é? De que é feita?
- Como é o meu cotidiano?
- Que sonhos eu tenho para o futuro?
- De que coisas eu gosto na minha vida? O que eu queria que fosse diferente?

- Que acontecimentos foram importantes em minha vida?
- Que fatos marcaram ou modificaram minha vida?
- Todos os acontecimentos de minha vida foram importantes? Explique.

- 1— Após esse exercício, peça aos estudantes que reflitam para a próxima aula o que de tudo isso que foi anotado ele gostaria de registrar sobre sua vida.
- 2— Finalize a aula explicando que no próximo encontro será criado o memorial a partir da técnica da colagem.

AULA 2

- 1— Caso a atividade seja feita em formato remoto, peça aos estudantes que separem materiais que tenham disponíveis em casa como tesoura, cola, recortes de papel, caneta, lápis, fotografias que possam ser utilizadas, recortes de revista. Se o encontro for presencial, avalie o que você pode oferecer e quais materiais pode sugerir que levem de casa.
- 2— No início da aula, apresente ou compartilhe o vídeo “Colagem e ilustração”, que consiste em um tutorial da técnica para a criação de um memorial.
- 3— Após apresentar o vídeo, convide, então, os estudantes a produzirem seus murais considerando as anotações que fizeram a respeito de si mesmos na aula anterior e utilizando as técnicas de colagem e ilustração apresentadas na videoaula.
- 4— Ao final da aula, convide os estudantes a compartilharem com os demais colegas o resultado de seus murais. É possível também fotografar os trabalhos e compartilhar em grupos de WhatsApp, no formato remoto.
- 5— Após o compartilhamento, faça uma breve roda de conversa com os estudantes para que contem um pouco como foi a experiência, o que descobriram sobre si mesmos e o que ainda gostariam de investigar e refletir mais.

REFERÊNCIAS

AGÊNCIA DE INICIATIVAS CIDADÃS – AIC. Colagem e ilustração (Libras). Série

Meu Quintal Patrimônio. 1º fev. 2021. Disponível em: <<https://youtu.be/ILFMxabNqkQ>>. Acesso em: 16 set. 2021.

BRASIL. Ministério da Educação. Secretaria Executiva. Secretaria de Educação Básica. Conselho Nacional de Educação – UNDIME. **Base nacional comum curricular**. Brasília (DF): MEC, 2017. Disponível em: <<http://base-nacionalcomum.mec.gov.br/abase>>. Acesso em: 16 set. 2021.

LINGUAGENS

LÍNGUA PORTUGUESA

CONHECENDO A LENDA DE BABUCA

RESUMO

1. Reflexão sobre as histórias da tradição oral.
2. Pesquisa sobre as diferentes versões da história de Babuca.
3. Leitura e discussão do poema “Escrava Babuca”.
4. Produção escrita de lenda, a partir do poema e das descobertas feitas durante a realização da pesquisa.

OBJETIVOS

Pesquisar sobre a história de Babuca, refletir sobre as tradições orais, ler o poema “Escrava Babuca” e propor uma retextualização do gênero poema para o gênero lenda.

COMPETÊNCIAS DA

BNCC

Competências de língua portuguesa para o ensino fundamental:

1. Ler, escutar e produzir textos orais, escritos e multissemióticos que circulam em diferentes campos de atuação e mídias, com compreensão, autonomia, fluência e criticidade, de modo a se expressar e partilhar informações, experiências, ideias e sentimentos, e continuar aprendendo.
2. Empregar, nas interações sociais, a variedade e o estilo de linguagem adequados à situação comunicativa, ao(s) interlocutor(es) e ao gênero do discurso/gênero textual.
3. Reconhecer o texto como lugar de manifestação e negociação de sentidos, valores e ideologias.
4. Envolver-se em práticas de leitura literária que possibilitem o desenvolvimento do senso estético para fruição, valorizando a literatura e outras manifestações artístico-culturais como formas de acesso às dimensões lúdicas, de imaginário e encantamento, reconhecendo o potencial transformador e humanizador da experiência com a literatura.

**ORGANIZAÇÃO DA
TURMA**

As atividades poderão ser realizadas na modalidade presencial ou remota. As tarefas serão desenvolvidas individualmente, com compartilhamento dos resultados, e também podem ser desenvolvidas em duplas ou em pequenos grupos, de acordo com as escolhas de cada professor.

**RECURSOS E PROVI-
DÊNCIAS**

Materiais para uso em atividade a ser realizada presencialmente:
Materiais impressos: cópias dos textos a serem lidos.
Materiais de trabalho: cola branca, tesoura, lápis, caneta, canetinha, papéis (folhas de caderno ou papel sulfite A4), papel Kraft ou cartolinas.
Materiais para uso em atividade a ser realizada remotamente:
Arquivos digitais: textos a serem lidos (PDF ou PPT).
Sugestões de aplicativos para a confecção de mural interativo: Padlet ou mural do Google Sala de Aula.

DURAÇÃO PREVISTA

4 aulas.

AULA 1

- 1— O objetivo desta primeira aula é refletir com os estudantes sobre as histórias orais e sobre as diferentes versões que as narrativas assumem com o passar do tempo.
- 2— Inicie a aula com uma conversa sobre as histórias orais e sua importância. Diga que contar histórias é uma prática que existe desde a pré-história e que, antes da invenção da escrita, as narrativas orais eram passadas de pessoa para pessoa. Os principais gêneros da tradição oral são: contos, lendas e causos.
- 3— Se os estudantes perguntarem, fale sobre a diferença entre causo, conto e lenda. Deixamos no Anexo 1 uma sugestão de material e fontes de referência que você pode usar como apoio.
- 4— Apresentamos, a seguir, algumas perguntas que podem ser feitas à turma:
 - Como vocês acham que as histórias se tornavam conhecidas antes da invenção da escrita?
 - Vocês conhecem alguma história antiga, que é contada de pai para filho? Qual(is) vocês conhecem?
 - Será que as histórias que são contadas oralmente passam por modificações ao longo do tempo? Por que isso acontece?
 - Qual a importância das histórias orais em nossa cultura?
- 5— Após refletir sobre a tradição oral, pergunte aos estudantes se conhecem alguma história que tenha diferentes versões. Uma sugestão é conversar sobre a história Chapeuzinho Vermelho, que apresenta diversas versões. Pergunte como é a história da Chapeuzinho Vermelho que conhecem e proponha uma busca por outras versões. Sugerimos, no Anexo 2, algumas versões que podem ser comentadas, lidas ou pesquisadas pelos alunos.
- 6— Proponha aqui uma atividade de telefone sem fio como sensibilização para o tema. Organize a turma em uma roda e promova a brincadeira. Após essa sensibilização, converse com a turma sobre o que aconteceu: se a informação foi se transformando e se foi ganhando outros sentidos.
- 7— Após essa conversa de sensibilização, reflita com a turma sobre as mudanças nas diferentes narrativas e proponha a leitura do texto “O Eclipse” – disponível no Anexo 3 deste material.

- 8—Na sequência, discuta sobre o que causou o humor do texto e como ele, mesmo de forma exagerada, ilustra o que pode acontecer na comunicação e nas transmissões de histórias orais.
- 9— Para encerrar a aula, proponha aos estudantes uma pesquisa a ser feita com pessoas mais velhas da família ou da comunidade. O roteiro dessa pesquisa encontra-se no Anexo 4.
- 10—Finalize a aula, convidando cada estudante a apresentar os resultados de sua pesquisa no próximo encontro.

AULA 2

- 1— Inicie a aula retomando o que foi discutido no encontro anterior e, em seguida, convide os estudantes a apresentarem os resultados da pesquisa realizada. Combine com a turma a ordem de apresentação e convide cada um para contar como foi a realização da pesquisa e o que descobriram sobre Babuca.
- 2— Após cada apresentação, sistematize as diferenças entre as narrações apresentadas.
- 3—Ao final do encontro, retome a discussão sobre as tradições orais e informe à turma que na próxima aula vocês lerão um poema com a história de Babuca.

AULA 3

- 1—Inicie a aula retomando o que foi discutido na aula anterior e as diferentes versões da história de Babuca. Em seguida, convide a turma para ler o poema “Escrava Babuca”, de Johnson Ortolani, disponível no Anexo 5, e discuta o texto coletivamente. Se desejar, elabore algumas perguntas para auxiliar os estudantes na compreensão do texto.
- 2— Após a discussão, proponha à turma a tarefa 2 disponível no Anexo 6.
- 3— Oriente os estudantes durante o processo de escrita, revisão e reescrita do texto, lembrando-lhes de que os textos serão lidos pelos colegas da escola.

AULA 4

- 1— Inicie a aula conversando com a turma sobre o que você observou durante o processo de produção das lendas. Oriente-a quanto à importância de respeitar a produção dos colegas e, em seguida, convide cada estudante para compartilhar seu texto.
- 2— Após as leituras dos textos, convide os estudantes para lhe auxiliarem na produção de um mural de textos, que pode ser afixado na sala de aula ou em um pátio. Se a atividade for realizada na modalidade remota, pode-se elaborar um mural colaborativo, utilizando a ferramenta digital Padlet (para saber como utilizar o Padlet, acesse o tutorial em vídeo: <<https://www.youtube.com/watch?v=-5uUe9Tzyyo>> ou o tutorial em texto escrito: <<https://inovaeh.sead.ufscar.br/wp-content/uploads/2019/04/Tutorial-Padlet.pdf>>). Há também a possibilidade de utilizar o mural do Google Sala de Aula.

AVALIAÇÃO

Para avaliar a realização das atividades, observe:

- Os estudantes se envolveram durante o desenvolvimento das atividades?
- As atividades motivaram e desafiaram os estudantes?

Em relação à pesquisa realizada, observe se os estudantes:

- realizaram a pesquisa com pelo menos cinco pessoas da família ou da comunidade;
- localizaram diferentes versões da história de Babuca;
- registraram as descobertas para relatar os resultados.

Em relação à produção textual, observe se os estudantes:

- compreenderam e seguiram a proposta de produção;
- observaram as características de uma lenda em sua produção;
- revisaram e reescreveram o texto, seguindo as orientações do professor.

ANEXO 1:

DIFERENÇAS ENTRE CAUSO, CONTO E LENDA

CAUSO: “Os causos são histórias fantásticas que podem ser engraçadas ou assustadoras, mas que devem ser contadas obedecendo a algumas regrinhas: um causo, para ser bem contado, tem que conferir às palavras entonação, ritmo e até mesmo sotaque e expressões interioranas. Esses elementos são fundamentais para capturar a atenção de quem ouve e provocar as mais diferentes sensações. No Brasil, o povo mineiro tem fama de bons contadores de causos, mas esse gênero não fica restrito apenas a algumas regiões, pois o causo agrada a gaúchos e baianos”. — <https://educador.brasilescola.uol.com.br/estrategias-ensino/o-genero-causo-sala-aula.htm>

CONTO: “O gênero literário conto é estruturado como uma narrativa curta que envolve apenas um conflito. Nessa perspectiva, o momento de maior tensão do gênero é chamado de clímax. Além disso, embora não seja uma regra, é comum que o conto apresente: poucos personagens; espaço ou cenário limitado; recorte temporal reduzido”. — <https://brasilescola.uol.com.br/literatura/o-conto.htm>.

LENDAS: “Lendas são narrativas transmitidas oralmente pelas pessoas com o objetivo de explicar acontecimentos misteriosos ou sobrenaturais. Para isso há uma mistura de fatos reais com imaginários. Misturam a história e a fantasia. As lendas vão sendo contadas ao longo do tempo e modificadas através da imaginação do povo. Ao se tornarem conhecidas, são registradas na linguagem escrita. Do latim legenda (aquilo que deve ser lido), as lendas inicialmente contavam histórias de santos, mas ao longo do tempo o conceito se transformou em histórias que falam sobre a tradição de um povo e que fazem parte de sua cultura”. — <https://www.infoescola.com/redacao/mito-ou-lenda>

ANEXO 2:

DIFERENTES VERSÕES DA HISTÓRIA DA CHAPEUZINHO VERMELHO

O CAPUCHINHO VERMELHO

CHARLES PERRAULT

Cra uma vez uma jovem aldeã, a mais bonita que fosse dado ver; a sua mãe era louca por ela e a avó mais ainda. Esta boa mulher mandou fazer-lhe um capuzo vermelho, que lhe ficava tão bem que em todo o lado lhe chamavam Capuchinho Vermelho.

Um dia a mãe, tendo cozido pão e feito bolos, disse-lhe:

– Vai ver como está a tua avó, porque me disseram que está doente; leva-lhe um bolo e este potinho de manteiga.

Capuchinho Vermelho partiu imediatamente para a casa da avó, que morava numa outra aldeia. Ao passar num bosque encontrou o compadre Lobo, que tinha muita vontade de comê-la, mas não se atrevia a tal por causa de alguns lenhadores que estavam na floresta. Perguntou-lhe aonde ela ia; a pobre criança, que não sabia que é perigoso deter-se para escutar um Lobo, disse-lhe:

– Vou ver a minha avó e levar-lhe uma bolo com um potinho de manteiga que a minha mãe lhe manda .

– Ela mora muito longe? – perguntou o lobo.

– Ó! Sim – , disse Capuchinho Vermelho, – é para lá do moinho que vê lá mesmo ao fundo, ao fundo, na primeira casa da aldeia.

– Pois bem – , disse o Lobo, – eu também quero ir vê-la; vou por este caminho e tu vais por aquele, a ver quem chega lá primeiro.

O Lobo desatou a correr com toda a força pelo caminho mais curto e a jovem foi pelo caminho mais longo, entretendo-se a colher avelãs, a correr atrás das borboletas e a fazer ramos com as florezinhas que encontrava.

O Lobo não demorou muito a chegar a casa da avó; bate à porta: Toc, toc.

– Quem está aí?

– É a sua pequena, Capuchinho Vermelho –, disse o Lobo disfarçando a voz, – que lhe traz um bolo e um potinho de manteiga que a minha mãe lhe manda.

A boa avó, que estava de cama por se achar adoentada, gritou-lhe:

– Puxa a cavilha, que o trinco cairá.

O Lobo puxou a cavilha e a porta abriu-se. Ele atirou-se à velhinha e comeu-a em menos de nada; porque há três dias que não comia. Depois fechou a porta e foi-se deitar na cama da avó, à espera de Capuchinho Vermelho, que algum tempo depois veio bater à porta. Toc, toc.

– Quem está aí?

Capuchinho Vermelho, que ouviu a voz grossa do Lobo, primeiro teve medo, mas pensando que a avó estivesse constipada, respondeu:

– É a sua pequena, Capuchinho Vermelho, que lhe traz um bolo e um potinho de manteiga que a minha mãe lhe manda.

O Lobo gritou-lhe, adoçando um pouco a voz:

– Puxa a cavilha, que o trinco cairá.

Capuchinho Vermelho puxou a cavilha e a porta abriu-se.

O Lobo, vendo-a entrar, disse-lhe enquanto se escondia sob a colcha:

– Põe o bolo e o potinho de manteiga em cima da masseira e vem deitar-te comigo.

Capuchinho Vermelho despe-se e vai meter-se na cama, onde ficou muito espantada de ver as formas da avó em camisa de noite; e disse-lhe:

– Avó, que grandes braços tem!

– É para melhor te abraçar, minha filha.

– Avó, que grandes pernas tem!

– É para correr melhor, minha pequena.

– Avó, que grandes orelhas tem!

– É para escutar melhor, minha pequena.

– Avó, que grandes olhos tem!

– É para ver melhor, minha pequena.

– Avó, que grandes dentes tem!

– É para te comer.

E, ao dizer estas palavras, o Lobo malvado atirou-se sobre Capuchinho Vermelho e comeu-a.

MORALIDADE

Vê-se aqui que crianças jovens, sobretudo moças belas, bem feitas e gentis, fazem muito mal em escutar todo o tipo de gente; e que não é coisa estranha que o lobo tantas delas coma. Digo o lobo, porque nem todos os lobos são do mesmo tipo. Há os de um humor gracioso, sutis, sem fel e sem cólera, que — familiares, complacentes e doces — seguem as jovens até às suas casas, até mesmo aos seus quartos; mas ai!

Quem não sabe que estes lobos delicodoces são de todos os lobos os mais perigosos.

CHAPEUZINHO VERMELHO

IRMÃOS GRIMM

Era uma vez, uma menina tão doce e meiga que todos gostavam dela. A avó, então, a adorava, e não sabia mais que presente dar à criança para agradá-la. Um dia ela presenteou-a com um chapeuzinho de veludo vermelho.

O chapeuzinho agradou tanto a menina e ficou tão bem nela, que ela queria ficar com ele o tempo todo. Por causa disso, ficou conhecida como Chapeuzinho Vermelho.

Um dia, sua Mãe lhe chamou e lhe disse:

– Chapeuzinho, leve este pedaço de bolo e essa garrafa de vinho para sua avó. Ela está doente e fraca, e isto vai fazê-la ficar melhor. Comporte-se no caminho, e de modo algum saia da estrada, ou você pode cair e quebrar a garrafa de vinho e ele é muito importante para a recuperação de sua avó.

Chapeuzinho prometeu que obedeceria a sua mãe e, pegando a cesta com o bolo e o vinho, despediu-se e partiu.

Sua avó morava no meio da floresta, distante uma hora e meia da vila.

Logo que Chapeuzinho entrou na floresta, um Lobo apareceu na sua frente.

Como ela não o conhecia nem sabia que ele era um ser perverso, não sentiu medo algum.

- Bom dia Chapeuzinho – saudou o Lobo.
- Bom dia, Lobo – ela respondeu.
- Aonde você vai assim tão cedinho, Chapeuzinho?
- Vou à casa da minha avó.
- E o que você está levando aí nessa cestinha?
- Minha avó está muito doente e fraca, e eu estou levando para ela um pedaço de bolo que a mamãe fez ontem, e uma garrafa de vinho. Isto vai deixá-la forte e saudável.
- Chapeuzinho, diga-me uma coisa, onde sua avó mora?
- A uns quinze minutos daqui. A casa dela fica debaixo de três grandes carvalhos e é cercada por uma sebe de aveleiras. Você deve conhecer a casa.

O Lobo pensou consigo: “Esta tenra menina é um delicioso petisco. Se eu agir rápido posso saborear sua avó e ela como sobremesa”.

Então o Lobo disse:

– Escute Chapeuzinho, você já viu que lindas flores há nessa floresta? Por que você não dá uma olhada? Você não está ouvindo os pássaros cantando? Você é muito séria, só caminha olhando para frente. Veja quanta beleza há na floresta.

Chapeuzinho então olhou a sua volta, e viu a luz do sol brilhando entre as árvores, e viu como o chão estava coberto com lindas e coloridas flores, e pensou: “Se eu pegar um buquê de flores para minha avó, ela vai ficar muito contente. E como ainda é cedo, eu não vou me atrasar”.

E, saindo do caminho entrou na mata. E sempre que apanhava uma flor, via outra mais bonita adiante, e ia atrás dela. Assim foi entrando na mata cada vez mais.

Enquanto isso, o Lobo correu à casa da avó de Chapeuzinho e bateu na porta.

– Quem está aí? – perguntou a velhinha.

– Sou eu, Chapeuzinho – falou o Lobo disfarçando a voz – Vim trazer um pedaço de bolo e uma garrafa de vinho. Abra a porta para mim.

– Levante a tranca, ela está aberta. Não posso me levantar, pois estou muito fraca. – respondeu a vovó.

O Lobo entrou na casa e foi direto à cama da vovó, e a engoliu antes que ela pudessevê-lo. Então ele vestiu suas roupas, colocou sua touca na cabeça, fechou as cortinas da cama, deitou-se e ficou esperando Chapeuzinho Verme-lho.

E Chapeuzinho continuava colhendo flores na mata. E só quando não podia mais carregar nenhuma é que retornou ao caminho da casa de sua avó.

Quando ela chegou lá, para sua surpresa, encontrou a porta aberta.

Ela caminhou até a sala, e tudo parecia tão estranho que pensou: “Oh, céus, por que será que estou com tanto medo? Normalmente eu me sinto tão bem na casa da vovó...”.

Então ela foi até a cama da avó e abriu as cortinas. A vovó estava lá deitada com sua touca cobrindo parte do seu rosto, e, parecia muito estranha...

- Oh, vovó, que orelhas grandes a senhora tem! – disse então Chapeuzinho.
- É para te ouvir melhor.
- Oh, vovó, que olhos grandes a senhora tem!
- É para te ver melhor.
- Oh, vovó, que mãos enormes a senhora tem!
- São para te abraçar melhor.
- Oh, vovó, que boca grande e horrível à senhora tem!
- É para te comer melhor – e dizendo isto, o Lobo saltou sobre a indefesa menina e a engoliu de um só bote.

Depois que encheu a barriga, ele voltou à cama, deitou, dormiu, e começou a roncar muito alto. Um caçador que ia passando ali perto escutou e achou estranho que uma velhinha roncasse tão alto, então ele decidiu ir dar uma olhada.

Ele entrou na casa, e viu deitado na cama o Lobo que ele procurava há muito tempo.

E o caçador pensou: “Ele deve ter comido a velhinha, mas talvez ela ainda possa ser salva. Não posso atirar nele”.

Então ele pegou uma tesoura e abriu a barriga do Lobo.

Quando começou a cortar, viu surgir um chapeuzinho vermelho. Ele cortou mais, e a menina pulou para fora exclamando:

– Eu estava com muito medo! Dentro da barriga do lobo é muito escuro!

E assim, a vovó foi salva também.

Então Chapeuzinho pegou algumas pedras grandes e pesadas e colocou dentro da barriga do lobo.

Quando o lobo acordou tentou fugir, mas as pedras estavam tão pesadas que ele caiu no chão e morreu.

E assim, todos ficaram muito felizes.

O caçador pegou a pele do lobo.

A vovó comeu o bolo e bebeu o vinho que Chapeuzinho havia trazido, e Chapeuzinho disse para si mesma:

“Enquanto eu viver, nunca mais vou desobedecer minha mãe e desviar do caminho nem andar na floresta sozinha e por minha conta”.

CHAPEUZINHO AMARELO

CHICO BUARQUE

Era a Chapeuzinho Amarelo.
Amarelada de medo.
Tinha medo de tudo, aquela Chapeuzinho.

Já não ria.

Em festa, não aparecia.
Não subia escada, nem descia.
Não estava resfriada, mas tossia.
Ouvia conto de fada, e estremecia.
Não brincava mais de nada, nem de amarelinha.

Tinha medo de trovão.
Minhoca, pra ela, era cobra.
E nunca apanhava sol, porque tinha medo da sombra.

Não ia pra fora pra não se sujar.
Não tomava sopa pra não ensopar.
Não tomava banho pra não descolar.
Não falava nada pra não engasgar.
Não ficava em pé com medo de cair.
Então vivia parada, deitada, mas sem dormir, com medo de pesadelo.
Era a Chapeuzinho Amarelo...

E de todos os medos que tinha
O medo mais que medonho era o medo
do tal do LOBO.

Um LOBO que nunca se via,
que morava lá pra longe,
do outro lado da montanha,
num buraco da Alemanha,
cheio de teia de aranha,
numa terra tão estranha,
que vai ver que o tal do LOBO
nem existia.

Mesmo assim a Chapeuzinho tinha cada vez mais medo do medo do medo
do medo de um dia encontrar um LOBO.
Um LOBO que não existia.

E Chapeuzinho amarelo,
de tanto pensar no LOBO,
de tanto sonhar com LOBO,
de tanto esperar o LOBO,
um dia topou com ele
que era assim:
carão de LOBO,
olhão de LOBO,
jeitão de LOBO,
e principalmente um bocão
tão grande que era capaz de comer duas avós,
um caçador, rei, princesa, sete panelas de arroz...

E um chapéu de sobremesa.
Mas o engraçado é que,

assim que encontrou o LOBO,
a Chapeuzinho Amarelo
foi perdendo aquele medo:
o medo do medo do medo do medo
que tinha do LOBO.

Foi ficando só com um pouco de medo
daquele lobo.

Depois acabou o medo e ela ficou só
com o lobo.

O lobo ficou chateado de ver aquela
menina olhando pra cara dele,
só que sem o medo dele.

Ficou mesmo envergonhado, triste,
murcho e branco-azedo,
porque um lobo, tirado o medo, é um
arremedo de lobo.

É feito um lobo sem pêlo.

Um lobo pelado.

O lobo ficou chateado.

Ele gritou: sou um LOBO!

Mas a Chapeuzinho, nada.

E ele gritou: EU SOU UM LOBO!!!

E a Chapeuzinho deu risada.

E ele berrou: EU SOU UM LOBO!!!!!!!

Chapeuzinho, já meio enjoada, com
vontade de brincar de outra coisa.

Ele então gritou bem forte aquele seu
nome de LOBO umas vinte e cinco ve-
zes,

Que era pro medo ir voltando e a me-

nininha saber com quem não estava
falando:
LO BO LO BO LO BO LO BO LO BO LO
BO LO BO LO BO LO BO LO BO LO

Aí, Chapeuzinho encheu e disse:
“Pára assim! Agora! Já! Do jeito que
você tá!”

E o lobo parado assim, do jeito que o
lobo estava, já não era mais um LO-
-BO.

Era um BO-LO.

Um bolo de lobo fofo, tremendo que
nem pudim, com medo de Chapeuzim.

Com medo de ser comido, com vela e
tudo, inteirim.

Chapeuzinho não comeu aquele bolo
de lobo,

porque sempre preferiu de chocolate.

Aliás, ela agora come de tudo, menos
sola de sapato.

Não tem mais medo de chuva, nem
foge de carrapato.

Cai, levanta, se machuca, vai à praia,
entra no mato,

Trepa em árvore, rouba fruta, depois
joga amarelinha,

Com o primo da vizinha, com a filha
do jornaleiro,

Com a sobrinha da madrinha

E o neto do sapateiro.

Mesmo quando está sozinha, inventa Fim
uma brincadeira.

E transforma em companheiro cada (Ah, outros companheiros da Cha-
medo que ela tinha: peuzinho Amarelo:

O raio virou orrái;
barata é tabará;
a bruxa virou xabru;
e o dia bo é bodiá.

o Gãodra, a Jacoru,
o Barão-tu, o Pão Bichô pa...
E todos os tronsmons).

Fita verde no cabelo

(NOVA VELHA HISTÓRIA)

JOÃO GUIMARÃES ROSA

Havia uma aldeia em algum lugar, nem maior nem menor, com velhos e velhas que velhavam, homens e mulheres que esperavam, e meninos e meninas que nasciam e cresciam. Todos com juízo, suficientemente, menos uma meninazinha, a que por enquanto. Aquela, um dia, saiu de lá, com uma fita verde inventada no cabelo.

Sua mãe mandara-a, com um cesto e um pote, à avó, que a amava, a uma outra e quase igualzinha aldeia. Fita-Verde partiu, sobre logo, ela a linda, tudo era uma vez. O pote continha um doce em calda, e o cesto estava vazio, que para buscar framboesas.

Daí, que, indo, no atravessar o bosque, viu só os lenhadores, que por lá lenhavam; mas o lobo nenhum, desconhecido nem peludo. Pois os lenhadores tinham exterminado o lobo. Então, ela, mesma, era quem se dizia: — Vou à vovó, com cesto e pote, e a fita verde no cabelo, o tanto que a mamãe me mandou. A aldeia e a casa esperando-a acolá, depois daquele moinho, que a gente pensa que vê, e das horas, que a gente não vê que não são.

E ela mesma resolveu escolher tomar este caminho de cá, louco e longo, e não o outro, encurtoso. Saiu, atrás de suas asas ligeiras, sua sombra também vinha-lhe correndo, em pós. Divertia-se com ver as avelãs do chão não voarem, com inalcançar essas borboletas nunca em buquê nem em botão, e com ignorar se cada uma em seu lugar as plebeinhas flores, princesinhas e inco-muns, quando a gente tanto por elas passa. Vinha sobejadamente.

Demorou, para dar com a avó em casa, que assim lhe respondeu, quando ela, toque, toque, bateu:

— “Quem é?”

— “Sou eu...” — e Fita-Verde descansou a voz. — “Sou sua linda netinha, com cesto e pote, com a fita verde no cabelo, que a mamãe me mandou.”

Vai, a avó, difícil, disse: — “Puxa o ferrolho de pau da porta, entra e abre. Deus te abençoe.”

Fita-Verde assim fez, e entrou e olhou.

A avó estava na cama, rebuçada e só. Devia, para falar agagado e fraco e

rouco, assim, de ter apanhado um ruim defluxo. Dizendo: — “Depõe o pote e o cesto na arca, e vem para perto de mim, enquanto é tempo.”

Mas agora Fita-Verde se espantava, além de entrustecer-se de ver que perdera em caminho sua grande fita verde no cabelo atada; e estava suada, com enorme fome de almoço. Ela perguntou:

— “Vovozinha, que braços tão magros, os seus, e que mãos tão trementes!”

— “É porque não vou poder nunca mais te abraçar, minha neta...” — a avó murmurou.

— “Vovozinha, mas que lábios, aí, tão arroxeados!”

— “É porque não vou nunca mais poder te beijar, minha neta...” — a avó suspirou.

— “Vovozinha, e que olhos tão fundos e parados, nesse rosto encovado, pálido?”

— “É porque já não estou te vendo, nunca mais, minha netinha...” — a avó ainda gemeu.

Fita-Verde mais se assustou, como se fosse ter juízo pela primeira vez.

Gritou: — “Vovozinha, eu tenho medo do Lobo!...”

Mas a avó não estava mais lá, sendo que demasiado ausente, a não ser pelo frio, triste e tão repentino corpo.

ANEXO 3: TEXTO “O ECLIPSE”

O ECLIPSE

KARPOT (ADAPTADO)

Esta é uma história já conhecida, que agora leva a minha própria versão:

Num quartel, o responsável máximo pela instrução aos soldados, digamos, o Capitão, chamou o Tenente, e após as formalidades usuais, ordenou:

– Amanhã haverá um eclipse do sol, o que não ocorre todos os dias. Mande formar a companhia às 8 horas, em uniforme de instrução. Após o passeio, todos terão oportunidade de ver o fenômeno e darei explicações. Se chover, nada poderá ser visto e os homens formarão no alojamento mesmo para a chamada.

O Tenente ouviu, não anotou nada e foi executar umas tarefas de rotina. Cruzando com o Sargento, após as formalidades usuais, lembrou-se do recado do Capitão e ordenou:

– Por ordem do senhor Capitão, amanhã haverá um eclipse do sol. Ele, em uniforme de passeio, dará as explicações à companhia às 8 horas. Se não chover, o que não acontece todos os dias, haverá lá fora a chamada dos homens formados e o fenômeno será no alojamento.

O Sargento, apesar de achar um pouco confusa a ordem recebida, julgando-se mais esperto do que o Tenente, fez as suas próprias deduções. Immediatamente chamou o Cabo e, após as formalidades usuais, ordenou:

– Amanhã às 8 horas o senhor Capitão vai fazer um eclipse do sol com uniforme de passeio e dará as explicações para a companhia, que deverá estar formada no alojamento, o que não acontece todos os dias. Se não chover, o fenômeno da chamada será lá fora.

O Cabo sorriu por dentro – “Quanta bobagem, não é nada disso!”. Reuniu os soldados, formalidades devidamente gesticuladas, pediu silêncio e gritou:

– Atenção! Amanhã, às 8 horas virá ao quartel um eclipse do sol em uni-

forme de passeio na companhia do senhor Capitão. Ele dará as explicações a vocês no alojamento, fenômeno que não acontece todos os dias. Caso chova, não haverá chamada. Divulguem essa mensagem aos demais soldados.

Naquela noite o ambiente no quartel estava tenso e confuso. Entre os soldados comentava-se:

– Consta que, se amanhã às 8 horas a companhia não fizer um eclipse com o sol durante o passeio pelo alojamento, o Capito pedirá explicações. O fenômeno é capaz de dar uma encrenca dessas que não acontecem todos os dias. Deus queira que chova!

ANEXO 4:

ROTEIRO PARA ESTUDANTES DA TAREFA 1

ROTEIRO PARA PESQUISA SOBRE A LENDA DA BABUCA

Na próxima aula, vamos ler um texto sobre a história da Babuca. Há algumas lendas e algumas histórias sobre essa mulher escravizada e queremos conhecer melhor as narrativas que a envolvem. Para isso, faça uma pesquisa com pessoas mais velhas da sua família ou da sua comunidade.

- 1— Pergunte a cinco pessoas se elas conhecem a história/lenda da Escrava Babuca. Caso não encontre ninguém que conheça a lenda, você pode investigar também se conhecem outras lendas da região de Matozinhos.
- 2— Após ouvir as histórias, escreva no seu caderno as lendas que você escutou e registre o nome de quem as contou.

Se você preferir, pode fazer sua pesquisa em grupos de WhatsApp da sua família ou pode entrar em contato com algumas pessoas e pedir que lhe enviem a história por escrito ou mesmo em áudio. Lembre-se de escrever os áudios que receber para compartilhar com a turma na próxima aula.

ANEXO 5

POEMA “ESCRAVA BABUCA”

ESCRAVA BABUCA

JOHNSON ORTOLANI

Contam os antigos	– Mate Babuca
Aqui da cidade	Que não obedece o Sinhô
O drama vivido	
No século passado	Mas naquela noite
Da jovem Babuca	Fria e escura
Escrava mulata	Morria no parto
	A escrava Babuca
Babuca não queria	Na fenda da pedra
Mas ele a obrigou	Ficou para sempre
Arrastou-a pra caixa	A escrava Babuca
E lhe fez amor	Com o seu filho no ventre
A escrava ameaçada	Na frente da gruta
Calou-se	A cruz de madeira
Guardou seu segredo	Da escrava Babuca
Tremendo de medo	Registra a tragédia
De ser castigada	
	No portal das Poções
Babuca revoltada	A prece a Babuca
Fugia da senzala	Uma cruz de madeira
Pois não suportava	Incrustada na pedra
Ver seu filho nascer escravo	
Filho do próprio Sinhô	Todos que passam
Babuca fugindo do cativeiro	Acendem uma vela
Abriu a cancela	Rezam uma prece
Do curral das pedras	Na fenda da pedra
Carregando seu filho no ventre	Na frente da gruta
	Na cruz de madeira
Quando soube da fuga	À escrava Babuca
O desgraçado ordenou	

ANEXO 6

ROTEIRO DE ATIVIDADES PARA ESTUDANTES DA TAREFA 2

TRANSFORME O POEMA EM LENDA

Nas aulas anteriores, conhecemos algumas lendas de Babuca e hoje lemos um poema com uma versão da história dessa mulher escravizada. Como vimos, há diferentes narrativas para essa personagem. Sua tarefa agora será a de transformar o poema lido em uma lenda. Você pode acrescentar ao seu texto algumas informações que descobriu durante a pesquisa que realizou ou que aprendeu durante as aulas. Seu texto será exposto em um mural da turma e poderá ser lido pelos demais estudantes da escola.

Antes de iniciar sua escrita, lembre-se das principais características de uma lenda:

- Lenda é uma narrativa de cunho popular que é transmitida, principalmente de forma oral, de geração para geração.
- As lendas não podem ser comprovadas cientificamente e não é possível determinar qual versão da lenda seria a única correta. Esse conjunto de variações faz parte de sua natureza.
- Muitas lendas surgem de fatos históricos que são modificados com o tempo e ganham caráter maravilhoso.
- As lendas são importantes, pois expressam a cultura popular de uma sociedade.
- Muitas lendas possuem características religiosas e mitológicas.

REFERÊNCIAS

- BRASIL. Ministério da Educação. Secretaria Executiva. Secretaria de Educação Básica. Conselho Nacional de Educação – UNDIME. **Base nacional comum curricular**. Brasília (DF): MEC, 2017. Disponível em: <<http://base-nacionalcomum.mec.gov.br/abase>>. Acesso em: 16 set. 2021.
- BUARQUE, Chico. **Chapeuzinho Amarelo**. Rio de Janeiro: Berlendis & Vertechia, 1979. Trecho disponível em: <<https://www.recantodasletras.com.br/resenhasdelivros/1223432>>. Acesso em 16 set. 2021.
- CASTRO, Luana. O gênero causo em sala de aula. **Brasil Escola**, [201-?]. Disponível em: <<https://educador.brasilescola.uol.com.br/estrategias-ensino/o-genero-causo-sala-aula.htm>>. Acesso em: 16 set. 2021.
- GRIMM, Jakob. Chapeuzinho Vermelho. In: _____. **Os contos de Grimm**. Ilustrações de Janusz Grabianski; tradução de Tatiana Belinky. São Paulo: Paulinas, 1989. Texto adaptado disponível em: <<https://www.usina-deletras.com.br/exibetexto.php?cod=2056&cat=Infantil>>. Acesso em: 16 set. 2021.
- KARPOR. O eclipse. 2015. Disponível em: <<https://www.recantodasletras.com.br/humor/5190364>>. Acesso em: 16 set. 2021.
- MARINHO, Fernando. Conto. **Brasil Escola**. Disponível em: <<https://brasilescola.uol.com.br/literatura/o-conto.htm>>. Acesso em: 16 set. 2021. Disponível em: <<https://www.infoescola.com/redacao/mito-ou-lenda>>. Acesso em: 16 set. 2021.
- ORTOLANI, Johnson. Escrava Babuca. In: LAFARGE BRASIL S.A. **Plano de manejo – RPPN Lafarge**: reserva particular do patrimônio natural. Nova Lima, 2011. Disponível em: <<https://www.sema.rs.gov.br/upload/arquivos/201705/03094721-plano-de-manejo.pdf>>. Acesso em: 15 set. 2021.
- PERRAULT, Charles. **O Capuchinho Vermelho**. Texto adaptado disponível em: <http://home.iscte-iul.pt/~fgvs/CV_Perrault.pdf>. Acesso em: 16 set. 2021.
- ROSA, João Guimarães. Fita verde no cabelo. **O Estado de São Paulo**, São Paulo, 8 fev. 1964. (Suplemento Literário.) Disponível em: <<https://rodrigo-gurgel.com.br/wp-content/uploads/2016/10/Fita-Verde-no-Cabelo--%E2%80%94-G.-Rosa.pdf>>. Acesso em: 16 set. 2021.

CIÊNCIAS NATURAIS

CONHECENDO E PRESERVANDO O CARSTE

RESUMO

1. Apresentação do que é o carste e a Gruta do Ballet. Fixação de conteúdos por meio de criação de histórias pelos alunos.
2. Discussão sobre como preservar a Gruta do Ballet com montagem de um mapa de preservação.

OBJETIVOS

Promover a discussão do valor do carste e da Gruta do Ballet enquanto locais que apresentam uma grande diversidade biótica e abiótica.
Estimular a preservação do patrimônio cultural e natural.

BNCC

Componente curricular – Ciências da Natureza (Ciências) e Ciências Humanas (Geografia)
Competências específicas de Ciências da Natureza para o ensino fundamental – 2; 3; 6; 7; 8.
Habilidades: EF05CI02; EF07CI07; EF07CI08; EF07CI15; EF09CI11; EF09CI12; EF09CI13.

ORGANIZAÇÃO DA TURMA

A realização da atividade contará com momentos individuais e coletivos.

RECURSOS E PROVIDÊNCIAS	<p>Equipamentos: Computador com <i>software</i> de reprodução de vídeo, caixas de som, projetor ligado ao computador.</p> <p>Materiais multimídia:</p> <ul style="list-style-type: none">- Vídeos sobre formação de cavernas (disponíveis em: <bit.ly/formacaocavernas> e <bit.ly/formacaocavernas2>).- Apresentação em PowerPoint, ou software semelhante, com imagens das espécies do carste, além de imagens da Gruta do Ballet e outras imagens para explicação do conteúdo. <p>Disponibilizada por email.</p> <ul style="list-style-type: none">- Mapa da área para impressão. <p>Disponibilizado por email.</p>
------------------------------------	---

Materiais de trabalho: folhas de papel A4, canetas, caixas de lápis de cor coloridos, canetinhas coloridas, cartolina.

DURAÇÃO	2 aulas.
PREVISTA	

PARA SUA PRESENÇA PEDAGÓGICA

Você deve dar espaço para que seus alunos ocupem o centro do processo pedagógico, incentivando-os a fazer e responder perguntas sobre o tema trabalhado, de modo a estimular o pensamento crítico da turma. Esta atividade foi pensada de modo a evitar a participação periférica (estudantes que não participam ou participam muito pouco ficarem de fora), então é importante que você promova a participação de todos nas dinâmicas, garantindo que todos sejam ouvidos durante o processo.

AULA 1: A APA CARSTE E A GRUTA DO BALLET

- 1— Promova uma roda de conversa bem aberta com a turma sobre o tema do carste e da Gruta do Ballet, de maneira que você consiga perceber quais conhecimentos os estudantes já têm ou o que imaginam quando perguntados sobre esses temas. A ideia aqui é deixar que todos se sintam bem à vontade para falar sobre o que já sabem, mas também para trazerem suas dúvidas e curiosidades. Essa é uma sensibilização inicial para que se interessem e se envolvam com a temática proposta. Para ajudar você a guiar essa roda de conversa, deixamos aqui uma apresentação de PowerPoint que poderá facilitar essa discussão a partir de perguntas disparadoras: Criar link a partir da apresentação revisada (disponível no Sharepoint).
- 2— À medida que a turma for respondendo aos seus questionamentos, vá anotando no quadro as ideias que surgirem, valorizando e incentivando cada contribuição. Você também pode promover a conversa a partir de áudios no WhatsApp ou em videochamadas, caso a atividade seja realizada remotamente.
- 3— Apresente os dois vídeos disponibilizados sobre o processo de formação das cavernas.
- 4— Depois de promover a roda de conversa e de assistir ao vídeo com a turma, proponha que os estudantes criem uma história em quadrinhos que demonstre o processo da ação da água e formação da Gruta do Ballet, até a chegada da biodiversidade atual. Cada estudante deve criar, por meio de sequências de três a quatro ilustrações e textos, a história de evolu-

ção daquele espaço onde hoje está a Gruta do Ballet. Isso irá estimulá-los a entender o processo histórico e evolutivo por trás dessa formação. Incentive-os a desenhar não só a caverna e o rio, mas também as plantas e animais que ali chegaram. Eles devem montar a sequência como uma pequena história, então pode ser algo bem fantasioso, com as narrativas que imaginarem, mas que demonstrem a ação da água e dos outros fatores ambientais.

A história deve ter pelo menos quatro momentos:

- 1º— A formação da rocha que deu lugar à gruta.
- 2º— A ação da água formando a gruta.
- 3º— O crescimento da biodiversidade no local: plantas e animais que passaram a habitar o local.
- 4º— Presença humana na gruta atualmente.

5— Separe um momento final para que todos possam apresentar e explicar os trabalhos criados. Caso o tempo esteja curto, proponha que os estudantes se sentem em duplas para compartilharem com os colegas seu trabalho. Além disso, pode ser interessante pedir a todos que fotografem os trabalhos e compartilhem em um grupo de WhatsApp da turma.

AULA 2: PRESERVAÇÃO DA APA CARSTE E DA GRUTA DO BALLET

1— Novamente, inicie a aula propondo uma discussão em roda de conversa aberta, desta vez com o tema da preservação.

Deixamos aqui algumas sugestões de perguntas disparadoras:

- Será que é importante preservar as espécies que vivem no carste? Por que é importante essa preservação?
- E as cavernas, é importante preservá-las? Por quê?
- O que a água tem a ver com tudo isso? É importante preservar as fontes de água também? Por quê?

O ponto chave para a discussão é levar os e as estudantes a entenderem a interdependência das espécies com o meio. Por exemplo: a formação de cavernas e o estabelecimento da vegetação dependeu e depende da ação da água. Os morcegos precisam dessas cavernas e grutas para ter onde se esconder, dormir e até se alimentar. Já as plantas precisam dos morcegos para dispersar suas sementes e, além disso, eles também controlam populações de insetos e servem de alimento para outros animais maiores. Sem essa grande biodiversidade de plantas e animais da área, os humanos não poderiam ter sobrevivido na região e, hoje, teríamos perdido uma infinidade de potencialidades para alimentação e fontes para a pesquisa e desenvolvimento de remédios, por exemplo.

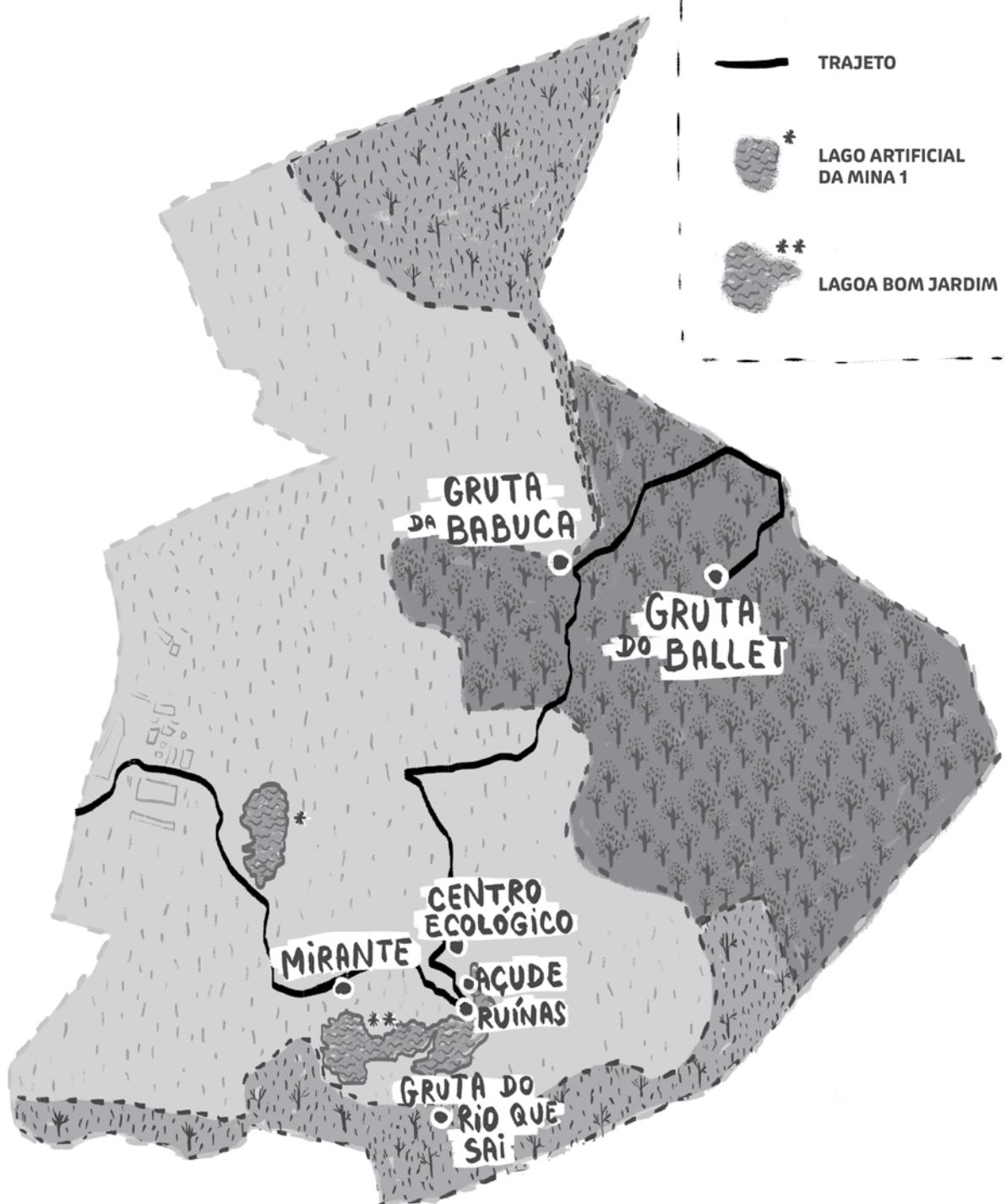
- 2— A partir da roda de conversa, proponha que a turma construa um “mapa de proteção”. Deixe impressos os mapas da área que mostram a gruta, as ruínas da Fazenda Bom Jardim e algumas espécies tanto da flora quanto da fauna local nativa.
- 3— Divida a turma em grupos ou duplas (a depender do número de estudantes e das condições sanitárias no momento) e distribua esse mapa entre as equipes, pedindo que observem os elementos presentes ali: a água, a gruta, as ruínas, a fauna e a flora. Cada grupo deverá pensar em maneiras de preservar os elementos do mapa. Os grupos poderão escrever ou desenhar no próprio mapa suas ideias de preservação, e essas contribuições podem ser feitas coletivamente. Na versão remota da atividade, o mapa pode ser enviado por WhatsApp e cada estudante anotar as ideias em seus cadernos.
- 4— Caso a turma esteja com dificuldades em pensar formas de proteção dos elementos, você pode dar dicas de atividades de proteção, como: não poluir a água, abrir o local apenas para a visitação, entre outros. No Anexo há um material para consulta sobre medidas de conservação da biodiversidade que podem te ajudar. Porém, é importante deixar que todos reflitam de maneira autônoma a respeito dos mecanismos de proteção, encontrando sozinhos os caminhos para fazerem a atividade. Deixe que fiquem bem livres para propor suas ideias, mesmo que fujam do convencional nesse primeiro momento.

5— Apresentação dos resultados: enquanto cada grupo apresenta suas ideias de preservação da biodiversidade local, você pode levantar questionamentos e problematizações a respeito da potencialidade ou viabilidade das propostas, sempre acolhendo e valorizando a participação deles e delas.

6— Finalize a aula com uma roda de conversa avaliativa final, perguntando o que aprenderam sobre o carste e a Gruta do Ballet que não conheciam antes, perguntando o que eles mais gostaram nas discussões e trabalhos e instigando todos a realizarem a visita virtual à gruta e à Fazenda Bom Jardim.

ANEXO

ÁREA DA CIMENTO NACIONAL



LEGENDA

SUGESTÃO DE MATERIAIS PARA ESTUDO

Texto “Gruta do Ballet, a celebração da fertilidade através de antigos rituais” — <<https://arqueologiadecaverna.blogspot.com/2013/09/gruta-do-ballet-celebracao-da.html>>

Estudo “Diagnóstico do meio biótico de cavernas com potencial turístico na região da APA Carste Lagoa Santa (Bacia do rio São Francisco) com destaque para os invertebrados” — <https://dspace.icmbio.gov.br/jspui/bitstream/ceca/263/1/Diagn%C3%B3stico%20do%20meio%20bi%C3%B3tico%20de%20cavernas_%20Franciane%20Jord%C3%A3o.pdf>

O QUE É O CARSTE

Carste é um tipo de formação rochosa formada ao longo de milênios de anos que tem como principal componente o calcário, mas também podem ser encontradas composições de mármore e dolomita. A corrosão química do carste dá origem a um ecossistema formado por cavernas e dolinas, o que o torna um local de importância cultural, econômica e biológica, uma vez que também é habitat de diversas espécies. Embora relativamente desconhecido, o carste cobre cerca de 20% da superfície terrestre do planeta Terra.

POR QUE É IMPORTANTE PRESERVAR E CONSERVAR O CARSTE

O carste abriga diversas espécies vegetais e animais, tais como primatas ameaçados de extinção, peixes-cegos, cobras comedoras de morcegos, lagartixas-anãs e caracóis-fantasma. Devido ao seu tipo de relevo (inclinação e relativa inacessibilidade), as paisagens cársticas atuam como refúgios naturais para espécies que desapareceram em outros lugares como resultado da caça e perda de habitat. Elas também abrigam inúmeras formas de vida únicas que evoluíram isoladamente e se adaptaram ao seu nicho.

ESPÉCIES DA BIODIVERSIDADE LOCAL AMEAÇADAS E PROTEGIDAS NESTA UNIDADE DE CONSERVAÇÃO (APA CARSTE)

- Rato-do-mato - *Kunsia fronto*
- Gato-maracajá - *Leopardus pardalis mitis*
- Rato-da-árvore - *Phyllomys brasiliensis*

REFERÊNCIAS SOBRE MEDIDAS DE CONSERVAÇÃO DA BIODIVERSIDADE

Apresentação “Conservação da biodiversidade: conservação *in situ*” —
bit.ly/ecologia_biodiversidade

ALGUMAS MEDIDAS IMPORTANTES DE PRESERVAÇÃO EM ÁREAS DE VISITAÇÃO:

- Jogar lixo apenas em locais destinados a isso.
- Não alimentar a fauna local.
- Não tocar ou estressar a fauna local.
- Não cortar, arrancar ou ferir de nenhuma forma as espécies da flora local (salvo casos em que é expressamente permitido).
- Não poluir os corpos d’água.
- Delimitar a área que pode ser visitada.
- Delimitar a área da unidade de conservação.
- Sinalizar onde se pode caminhar e o que se pode fazer nas trilhas.
- Reflorestar, com espécies nativas, as áreas degradadas.
- Estudar as espécies locais para saber sua dinâmica.
- Em casos em que haja exploração dos recursos naturais, fazê-lo de forma sustentável, mantendo o equilíbrio das populações locais.

REFERÊNCIAS

- BRASIL. Ministério da Educação. Secretaria Executiva. Secretaria de Educação Básica. Conselho Nacional de Educação – UNDIME. **Base nacional comum curricular**. Brasília (DF): MEC, 2017. Disponível em: <<http://base-nacionalcomum.mec.gov.br/abase>>. Acesso em: 16 set. 2021.
- CRAVEIRO, Maurílio Craveiro. Gruta do Ballet, a celebração da fertilidade através de antigos rituais. **Arqueologia de Caverna**, 30 set. 2013. <<https://arqueologiadecaverna.blogspot.com/2013/09/gruta-do-ballet-celebrao-da.html>>
- DEPARTAMENTO DE ECOLOGIA DO INSTITUTO DE BIOCIENTÍCIAS DA UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO – USP. Conservação da biodiversidade: conservação *in situ*. 2013. Disponível em: <http://ecologia.ib.usp.br/bie314/2013/aula5_ConBio_UCs_2013.pdf>. Acesso em: 25 out. 2021.
- LEGNAIOLI, Stella. O que é carste e sua importância? **eCycle**, [201-?]. Disponível em: <<https://www.ecycle.com.br/carste/>>. Acesso em: 25 out. 2021.
- OPERAÇÃO CERRADO. Como se formam as cavernas – parte 1. 10 dez. 2010. Disponível em: <<https://youtu.be/jij44jzAxwA>>. Acesso em: 25 out. 2021.
- OPERAÇÃO CERRADO. Como se formam as cavernas – parte 2. 10 dez. 2010. Disponível em: <https://youtu.be/yXM_UZDYCz8>. Acesso em: 25 out. 2021.
- SILVA, Franciane Jordão da. **Diagnóstico do meio biótico de cavernas com potencial turístico na região da APA Carste Lagoa Santa (Bacia do rio São Francisco) com destaque para os invertebrados**. 2007. Disponível em: <https://dspace.icmbio.gov.br/jspui/bitstream/ceca/263/1/Diagn%C3%B3stico%20do%20meio%20bi%C3%A3tico%20de%20cavernas_%20Franciane%20Jord%C3%A3o.pdf>. Acesso em: 25 out. 2021.

CIÊNCIAS EXATAS

MATEMÁTICA

PORTFÓLIO DA GEOMETRIA DA GRUTA DO BALLET

RESUMO

1. Observação geral das formas presentes nas grutas e cavernas, partindo da movimentação e do deslocamento virtual na Gruta do Ballet.
2. Elaboração de uma narrativa geométrica acerca das formas e curvas encontradas no ambiente natural, em formato de portfólio.

OBJETIVOS

A atividade tem como objetivo possibilitar que a turma experimente a construção de um portfólio de fotografias com uma narrativa geométrica. A proposta é oportunizar o desenvolvimento da capacidade de observação, contemplação e associação visual de curvas matemáticas que se apresentam no ambiente natural a partir de ações do homem pré-histórico e dos fenômenos naturais que criam a arquitetura da caverna.

Pretende-se que, a partir da construção do portfólio, se desencadeie uma série de novas investigações acerca da geometria plana e espacial, dos conceitos de curva e de olhares geométricos.

Espera-se que essa observação, visualização e o agir inspire os estudantes a exercitar o olhar e desenvolver habilidades relacionadas aos conceitos básicos da geometria e do uso da luz/iluminação.

**COMPETÊNCIAS DA
BNCC**

EF07MA21 – Reconhecer e construir figuras obtidas por simetrias de translação, rotação e reflexão, usando instrumentos de desenho ou *softwares* de geometria dinâmica e vincular esse estudo a representações planas de obras de arte, elementos arquitetônicos, entre outros.

EF08MA18 – Reconhecer e construir figuras obtidas por composições de transformações geométricas (translação, reflexão e rotação), com o uso de instrumentos de desenho ou de *softwares* de geometria dinâmica.

Competência específica 5 de linguagens para o ensino fundamental – Desenvolver o senso estético para reconhecer, fruir e respeitar as diversas manifestações artísticas e culturais, das locais às mundiais, inclusive aquelas pertencentes ao patrimônio cultural da humanidade, bem como participar de práticas diversificadas, individuais e coletivas, da produção artístico-cultural, com respeito à diversidade de saberes, identidades e culturas.

**ORGANIZAÇÃO DA
TURMA**

Trata-se de uma atividade de campo a ser realizada a partir de visita virtual e observação da geometria presente na Gruta do Ballet em Matozinhos. Os estudantes percorrerão o trajeto da visita virtualmente e deverão ter acesso a papel de desenho, lápis e borracha.

Visita virtual disponível em: <https://matozinhos.educaopatrimonial.org.br/>

**RECURSOS E PROVI-
DÊNCIAS**

Papel A4, lápis preto, borracha, impressora (caso seja possível).

107

DURAÇÃO PREVISTA

3 aulas.

AULA 1: PREPARANDO MEU DIA DE DESENHISTA

- 1— Nesta aula, antes de convidar a turma a realizar a visita virtual à gruta do Ballet, apresente algumas informações sobre a geometria pré-histórica e o que já se encontrou dos primeiros registros geométricos humanos. Essas informações estão disponíveis na apresentação disponibilizada: “Geometria pré-histórica”.
- 2— Após passar essas informações aos estudantes, mobilize-os e engaje-os promovendo um debate, como se fossem arqueólogos, a partir de algumas perguntas disparadoras:
 - Por que será que o homem fez esse desenho há 73 mil anos? Seria um motivo religioso? Um ornamento? Apenas parte de um desenho maior? O que ele poderia estar desenhando?
 - O que é arte rupestre?
 - Figuras geométricas podem ser consideradas arte rupestre?
 - Para você, o que é geometria?
 - Qual o conceito de curva?
 - Na visita, que tipo de curvas e geometrias você pretende encontrar?
- 3— Após essa discussão, convide os estudantes a percorrerem a visita virtual com esse olhar especial para as formas geométricas presentes na gruta do Ballet.
- 4— Peça que façam a visita virtual tendo em mãos papel, lápis e borracha. Instrua-os a desenhar todas as curvas que encontrarem, podem ser as feitas pelos homens ou figuras naturais. Oriente que o desenho deve ser feito em uma folha preparada para essa atividade a ser entregue por você, cujo modelo encontra-se no Anexo 1. Cada estudante deverá receber pelo menos cinco cópias dessa folha de desenho.
- 5— Caso ainda haja tempo durante a aula, peça aos estudantes que leiam o texto no Anexo 2 antes da visita. Se não for possível, peça que leiam como para casa para a aula seguinte.
- 6— Explique que para a aula seguinte todos devem levar:
 - O texto do para casa lido.
 - Os desenhos feitos na visita.

AULA 2: PENSANDO A MATEMÁTICA

ENCONTRADA NA VISITA

- 1— Em um primeiro momento da aula, a turma deve analisar as curvas que encontraram e desenharam em sua visita e classificá-las como simples ou não simples, abertas ou fechadas. As curvas fechadas devem ser classificadas em convexas ou não convexas. Se necessário, podem consultar o texto mandado no último para casa.
- 2— A seguir, cada estudante deve escolher o que considera seus três melhores desenhos e, para cada um deles, deve escrever um pequeno parágrafo explicando o que foi registrado, a classificação matemática da curva fotografada e, finalmente, um título muito criativo para sua foto. Esses textos devem ser feitos como rascunho, **no caderno**, não nas folhas usadas na visita. Não se escreve na folha do desenho nesta aula.
- 3— Se não der tempo de fazer tudo em sala de aula, a atividade pode ser terminada em casa.
- 4— Para a próxima aula, peça aos estudantes para levarem os desenhos escondidos e os parágrafos de cada um deles escritos no caderno.
- 5— Nos minutos finais da aula, divida a turma em equipes de três ou quatro estudantes e comunique-os dessa divisão. Se possível, peça que as equipes já estejam juntas para o início da próxima aula. Como você perceberá a seguir, equipes grandes devem ser evitadas para que seja possível desenvolver as atividades da próxima aula no tempo de 50 minutos. Assim, crie a maior quantidade de trios que conseguir e use equipes de quatro estudantes o mínimo possível. Alerte que, se alguém faltar a próxima aula, você poderá remanejar as equipes. Faça isso e não permita o trabalho em duplas na aula seguinte.

AULA 3: CONSTRUÇÃO DO PORTFÓLIO

- 1— Inicie a aula explicando a proposição de as equipes construírem juntas um portfólio da visita da turma. Contextualize que um portfólio é um dossiê ou documento com o registro de habilidades ou experiências. Explique, ainda, que o portfólio reúne os melhores trabalhos de uma pessoa, grupo ou empresa.

2— Com isso em mente, instrua a turma a criar o portfólio da equipe. Isso deverá ser feito da seguinte forma:

TAREFA	TEMPO
As equipes se juntam para o trabalho.	5 minutos.
Você explica o que é um portfólio e escolhe um membro de cada equipe para monitorar o tempo.	5 minutos.
Cada membro da equipe mostra aos colegas os desenhos que escolheu e explica o que foi desenhado e o título criativo que deu para a foto e para o desenho.	Espera-se 2 minutos para cada estudante. Tempo máximo para esta tarefa: 10 minutos.
A equipe escolhe cinco desenhos. Os textos dos desenhos escolhidos devem ser lidos novamente, para verificar se algo pode ser melhorado na escrita. Se a equipe julgar necessário ou se surgir uma ideia legal nesse momento, também pode mudar os títulos.	15 minutos.
Nas folhas com os desenhos escolhidos, a equipe preenche o título final e seu parágrafo revisado.	15 minutos.
A equipe faz uma capa para esse trabalho e entrega o material para você.	

Para terminar, faça uma exposição em um local público da escola com os portfólios produzidos. Se possível, coloque-os em um local em que pais e comunidade tenham acesso.

SUGESTÕES PARA VOCÊ

- Alguém de cada equipe fará o monitoramento do tempo. A função dessa pessoa é verificar se o trabalho está sendo feito no tempo determinado, adiantando a equipe em caso de atraso. Deixe claro que todo o trabalho deve ser feito nessa aula apenas, e tudo o que for produzido deve ser entregue, mesmo que incompleto.
- Enquanto as equipes trabalham, ande pela sala verificando você também se o tempo está sendo cumprido. Caso perceba que alguma equipe está se atrasando, pergunte à pessoa responsável se há atraso e peça a ela para tomar providências sobre isso.
- Entregue instruções de trabalho impressas e deixe que as equipes lidem com elas. Isso poupa tempo e estimula a autogestão dos estudos nos estudantes. Em caso de dúvidas, cada equipe pode acionar você para auxiliá-la. Se perceber que algo está sendo feito fora do esperado, interfira rapidamente no trabalho da equipe. No Anexo 3, você encontra um modelo de instruções que pode ser entregue aos estudantes.
- Não se detenha muito tempo em uma equipe. Faça os estudantes perceberem que eles devem realizar o trabalho, não você. Sempre que possível, responda a perguntas com outras perguntas. Por exemplo, se uma equipe perguntar a você se um título está adequado, pergunte a cada membro da equipe: “Responda rápido, apenas ‘sim’ ou ‘não’: você acha esse título adequado?” e, após as respostas, pergunte: “O que vocês concluem de suas respostas?” e saia de perto.
- Leve um grampeador ou alguns clipe para juntar as folhas dos trabalhos entregues.
- Se desejar, dê instruções sobre como deseja a capa do portfólio, acrescentando-as nas instruções da ficha entregue às equipes.
- Interfira caso perceba que, em alguma equipe, há alguém monopolizando as decisões ou sendo excluído delas. Garanta a todos o direito de dar suas opiniões sobre a atividade.

ANEXOS

ANEXO 1 — FOLHA PARA REGISTRO DOS ESTUDANTES DURANTE A VISITA VIRTUAL

Título:

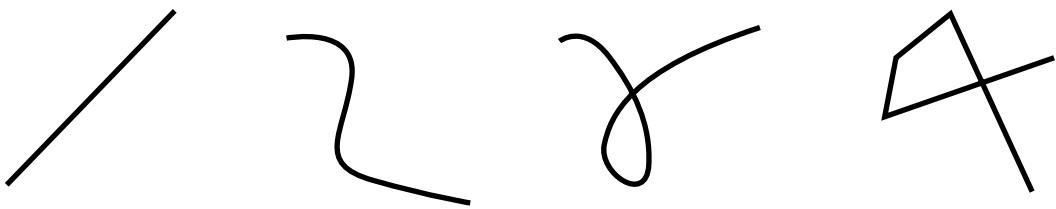
Espaço para o desenho da forma geométrica

CURVAS

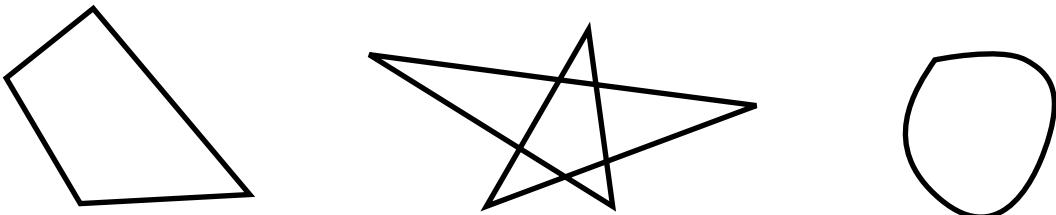
Uma curva é, basicamente, toda união de pontos formando uma linha. Intuitivamente, uma curva é todo “rabisco” que podemos desenhar. É importante se atentar ao fato de que, na Matemática, um segmento de reta também é considerado uma curva, pois é uma linha.

Podemos classificar uma curva de quatro maneiras distintas: aberta ou fechada e simples ou não simples.

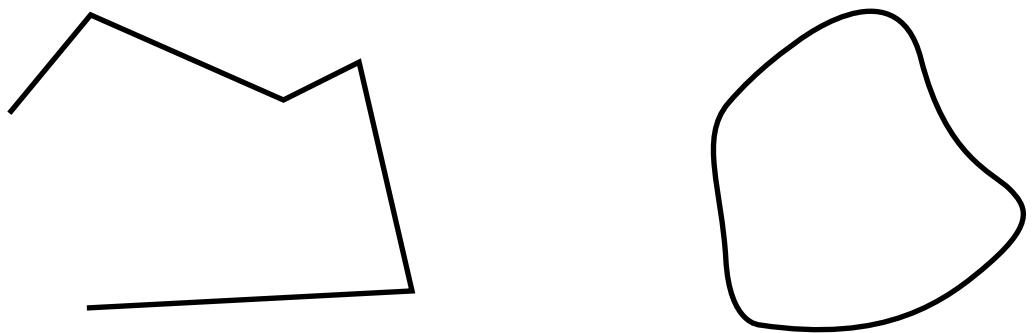
Curva aberta: uma curva será aberta quando ela tiver extremos, isto é, começo e fim, conforme os exemplos abaixo.



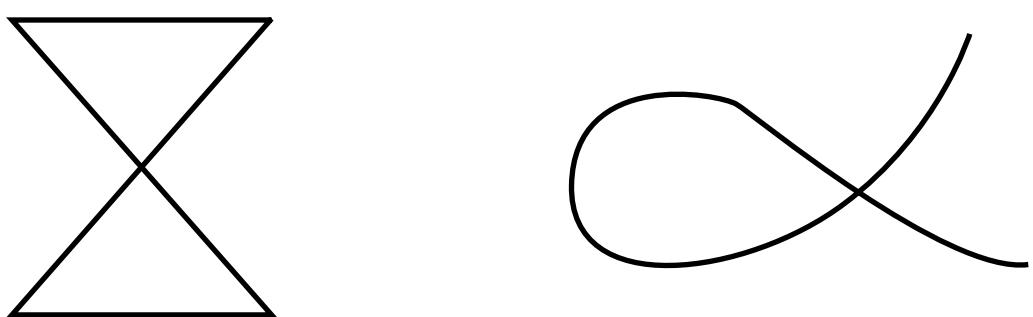
Curva fechada: já uma curva fechada é aquela sem extremidades. Podemos ver que uma curva fechada representa algo cílico.



Curva simples: dizemos que uma curva é simples se ela não tiver auto intersecção, ou seja, não se cruzar.

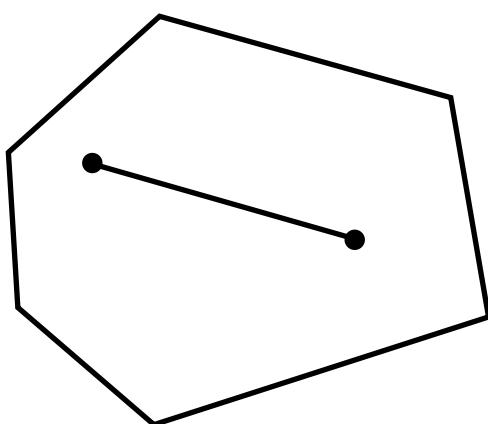


Curva não simples: e, por fim, uma curva é definida como não simples, se ela possuir auto intersecção, ou seja, se ela se cruzar.

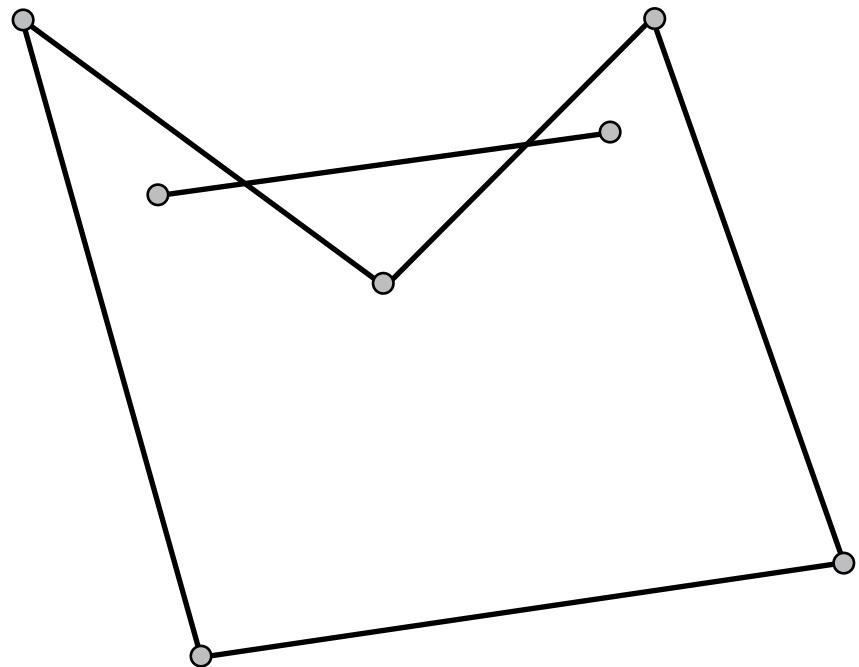


Dentro das curvas fechadas simples, temos ainda os conceitos de curvas **convexas** e **não convexas**.

Uma curva fechada simples será **convexa** quando dados quaisquer dois pontos distintos em seu interior, conseguirmos traçar um segmento de reta com extremos nesses pontos, de tal modo que este segmento esteja totalmente no interior da curva.



Já uma curva fechada simples é não convexa se existem dois pontos do seu interior tais que o segmento de reta que os une não está inteiramente no interior da curva.



ANEXO 3 – INSTRUÇÕES ÀS EQUIPES PARA MONTAGEM DOS PORTFÓLIOS

CONSTRUÇÃO DE PORTFÓLIO

TAREFA	TEMPO
<p>Cada estudante, um de cada vez, deve mostrar aos colegas da equipe os quatro desenhos que escolheu, dizendo seu título e explicando oralmente seu parágrafo.</p>	<p>2 minutos para cada estudante explicar todas as suas fotos e o desenho.</p>
<p>Após todos mostrarem suas fotos, a equipe deve escolher cinco desenhos, sendo ao menos um desenho de cada estudante.</p>	<p>5 minutos</p>
<p>Para cada um dos desenhos escolhidos, revisem seus títulos. Se vocês julgarem necessário ou se surgir uma ideia legal nesse momento, podem mudar os títulos. Leiam novamente os seus parágrafos explicativos e verifiquem se algo pode ser melhorado na escrita. Faça o mesmo para as explicações do desenho escolhido.</p>	<p>10 minutos</p>
<p>Nas folhas com os desenhos escolhidos, escreva seu novo título na parte superior central e o parágrafo revisado abaixo da figura. Faça, também, uma folha de capa bem criativa e caprichada para essa atividade. Entregue, nessa ordem, a capa, as fotos e, como última folha, o desenho.</p>	<p>14 minutos</p>

ATENÇÃO

Só passem para a tarefa seguinte após a conclusão da tarefa anterior.

O recurso mais precioso nesta atividade é o tempo. Cuidado, se apenas uma pessoa da equipe estiver trabalhando enquanto os outros estão observando, tenham certeza: vocês estão perdendo tempo.

Todos têm o direito de falar, todos têm o dever de ouvir seus colegas.

REFERÊNCIAS

BRASIL. Ministério da Educação. Secretaria Executiva. Secretaria de Educação Básica. Conselho Nacional de Educação – UNDIME. **Base nacional comum curricular.** Brasília (DF): MEC, 2017. Disponível em: <<http://basenacionalcomum.mec.gov.br/abase>>. Acesso em: 16 set. 2021.

CONTEÚDO: Raissa Faria, Marcela Brito
e Eveline Xavier

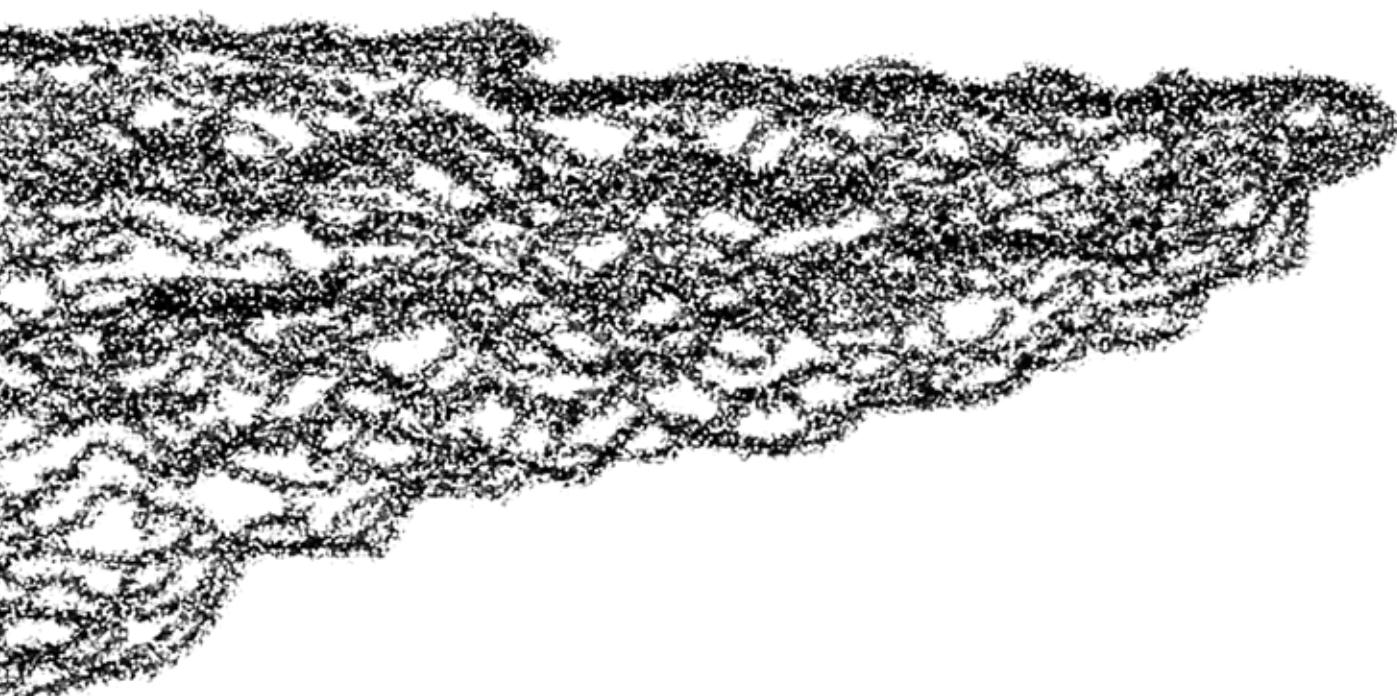
DIAGRAMAÇÃO: Léo Ruas e Mila Barone

IDENTIDADE VISUAL: Jéssica Kawaguiski

EQUIPE: Viviane Ferreira, Kênia Chagas,
Cristina Ferreira, Beatriz Lopes,
Valeria Fileto, Elias Santos, Felipe
Matos e Isabelle Chagas.

CONSULTORIA TÉCNICA: Elizabeth Seabra

REVISÃO: Priscila Justina



CURSO DE FORMAÇÃO CONTINUADA EM

EDUCAÇÃO PATRIMONIAL PARA EDUCADORAS E EDUCADORES DE ESCOLAS PÚBLICAS DE MATOZINHOS

Patrocínio:



LEI ESTADUAL
DE INCENTIVO
À CULTURA



Apoio:

SUBSECRETARIA DE
CULTURA E TURISMO

SECRETARIA DE
EDUCAÇÃO



Realização:



CULTURA E
TURISMO



GOVERNO
DIFERENTE.
ESTADO
EFICIENTE.

CA: 2018.13605.0084